

CADERNOS REDENTORISTAS

- 17 -

Tradução - Adaptação
Pe. Afonso Paschotte, CSsR.

MÁRTIRES REDENTORISTAS

CERESP
Centro Redentorista de Espiritualidade
APARECIDA

EDITORA SANTUÁRIO
2002

APRESENTAÇÃO

Dentre os beatos que no ano 2001 a Igreja recebeu, cinco são redentoristas. Todos do rito oriental. Quatro ucranianos e um tcheco. Dois bispos: Basílio, “bispo da Igreja do Silêncio”, nomeado em 1959 e consagrado em 1963, em Moscou e Nicolau, consagrado na Igreja de Santo Afonso, em Roma, no ano de 1926. Três, sacerdotes: Zenão, possivelmente crucificado na parede da prisão; Ivan, cruelmente açoitado na Sexta-feira santa de 1952, vindo a falecer dias depois na prisão; Metódio, checo, vice-provincial dos redentoristas, morreu em 1959 no cárcere depois de terrível experiência na “cela de correção”. Suas vidas seguem o mesmo trilho da resistência na fé, colhendo com isto amargas conseqüências. Prisão. Torturas. Interrogatórios. Campos de concentração. Morte.

Basílio, Nicolau, Zenão e Ivan foram beatificados por João Paulo II, quando em visita à Ucrânia, no dia 27 de junho de 2001. Metódio, em Roma, no dia 04 de novembro do mesmo ano.

Apresentamos esta nossa tradução e adaptação dum texto italiano enviado aos congregados por Roma, aguardando biografia mais completa. Deixamos de lado as notas de rodapé que, em nosso caso aqui, julgamos dispensáveis. Que o sangue desses nossos confrades mártires sejam sementes de novos cristãos e principalmente de novas vocações para a redenção do mundo.

Pe. Afonso Paschotte, C.Ss.R.

BEATO BASÍLIO
(VASYL VELYCHOVSKYJ)
(1903 — 1973)

*Bispo redentorista da Igreja Greco-Católica
“clandestina” da Ucrânia*

Um pouco depois da metade do século passado chegou para nossa Igreja o tempo da sementeira: do sangue dos mártires, da opressão, das lágrimas e do pranto dos ucranianos perseverantes na fé e na fidelidade ao Estado ucraniano independente. A semente plantada desabrochou, e agora — depois de termos apenas passado as portas do terceiro milênio — temos a possibilidade de colher seus frutos, embora de sabor não excelente, mas na esperança de uma boa colheita do Pão da Vida no futuro. Entre estas milhares de espigas há também a semente plantada pelo filho da fé da Ucrânia, o Beato bispo Vasyl (Basílio) Velyckovskyj, C.Ss.R.

Jovem combatente pela pátria

Vasyl (Basílio) Vsevolod Velychovskyj nasceu no dia 01 de junho de 1903, em Stanislaviv (hoje Ivano-Frankivs'k), numa antiga família sacerdotal dos Velychovskyj e Teodorovych. Seus pais, Volodymyr e Anna, fizeram seus filhos crescerem como cristãos zelosos e prontos ao sacrifício.

Daí brotou também em Basílio o desejo de oferecer toda sua vida pela salvação das almas.

Tempos difíceis aqueles de 1918... Basílio, naquela época um estudante ginásial com apenas 15 anos, pega em armas e vai combater pela independência da pátria. Deixa tudo e parte por caminhos cheios de riscos, sem saber se a sorte lhe permitiria o retorno à casa dos pais. Chegou até nós uma obra sua deste tempo que mostra maravilhosamente seu difícil caminho nesta idade juvenil, que não fez sozinho. *“Bendita sejas, ó Mãe”* é o título de seu livro dedicado a esta época de tensão, onde descreve também os sentimentos genuínos de seu jovem coração: *“Que ímpeto, que maravilha só de imaginar o rumor produzido pelas potentes asas de uma ave! Por que os corações batem em tanta concórdia? Está em curso uma luta para defender o futuro de seu povo, a liberdade, a honra e a glória. E ele decidiu-se pelo combate, como tantos outros jovens... como as crianças... precocemente. Foi... e com ele a oração e a bênção da Mãe... e com ele alguma força, potente e misteriosa... No tempo livre, na escuridão da noite, quando a caminho, suas mãos tocam afetosamente alguma coisa, os lábios murmuravam alguma coisa... O quê? O santo rosário que a mãe lhe dera quando partia, a fim de que se lembrasse que era filho de Maria...”* É tempo de guerra (1918-1919). Como sempre acontece nestas circunstâncias, as pessoas dos campos adversários procuram matar-se mutuamente. A autobiografia do beato, contudo, testemunha bem outra coisa: *“Não fui culpado da morte de ninguém, nem mesmo ferir um inimigo, e também eu fiquei livre de qualquer ferimento, incólume em meio ao mar de balas e perigos. Para mim agora tudo é claro... O rosário de minha mãe, sua bênção e sua oração estavam sempre comigo* (Autobiografia do Beato, in p. S. J. Kakhatalovs’kyj, C.Ss.R., *Vasyl Velyckovskyj. Um Bispo Confessor. Memórias de minha vida*, Yorkton, (Sask.), Canadá 1975, pp. 72-73). A Providência divina ajudou o jovem Basílio a nunca estar na linha de fogo, mas ser destinado à chancelaria

de uma unidade militar do exército ucraniano independente, na qualidade de suboficial.

Sacerdote

Voltando da guerra, em 1920, o jovem Basílio entra no seminário teológico de Leopoli. Logo chega o momento da consagração diaconal: a graça da ordem vem sobre ele pela imposição das mãos do metropolita Andrea, de Leopoli. Neste tempo começa a sentir inclinação para a vida religiosa e com a ajuda da tia, monja basiliana, inicia seu noviciado junto aos redentoristas. No final do noviciado o diácono Basílio é indicado como professor do juvenato redentorista. Além deste encargo, ocupa-se de sua auto-formação e depois de completar, por si mesmo, o currículo dos estudos requeridos para o ministério sacerdotal, é ordenado padre pelo bispo Josyp Bocjan. Já então o jovem redentorista se destacava por um tal desejo e capacidade de realizar missões entre o povo simples dos povoados e das cidades que seu zelo e índole particular não podiam escapar aos olhos dos superiores. Por isso eles ofereceram-lhe a oportunidade de desenvolver os dotes espirituais, mandando-o a Stanislaviv: aí teve oportunidade de pregar as missões junto com outros redentoristas mais idosos e mais experientes do que ele. Assim é que começou seu trabalho apostólico, que se prolongou além de 20 anos, até quando os bolchevistas vieram, ocuparam nossas terras e liquidaram de modo violento a Igreja Católica.

Missionário fervoroso

Em novembro de 1928 o padre Basílio transfere-se para o convento redentorista de Kovel'. Inicia, imediatamente, um intenso trabalho missionário nos povoados vizinhos, procurando visitar e consolidar os ucranianos dispersos pelo imenso território de Volyn' e Pidljashja e prestando serviço às pessoas recentemen-

te unidas à Igreja Católica, os ortodoxos russos do passado. Além de seu intenso e ardoroso trabalho nas colônias ucranianas, devem ser lembradas também as missões pregadas em diversas partes de Volyn', Polissja, Rússia Branca. *“Quando o padre Basílio pregava missões em Zabrze (Volyn?) para os recém-unidos à Igreja, quase todas as 180 pessoas se confessaram e disseram: Agora sabemos o que é a santa união. Agora fomos confirmados...”* Nesta época e nestes lugares surgiram muitas igrejas e capelas construídas pelo padre Basílio com o subsídio do Metropolita Sheptyckyj e de outros benfeitores.

Seu grande espírito de sacrifício, alimentado da grande capacidade de trabalho, não podia ficar sem recompensa. O Beato fundou, em toda parte, inúmeras fraternidades de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, procurando enraizar nos corações dos fiéis simples uma devoção filial para com a santa Mãe de Deus. Graças às suas orações e pregações, que fazia sempre que se lhe oferecesse uma mínima oportunidade, muitos leigos e representantes do clero ortodoxo voltaram para o seio da Igreja Católica.

Toda esta atividade, contudo, não podia passar despercebida aos olhos do poder polonês dominante, tomado de ciúmes e de ódio por causa destas frutuosas iniciativas dos redentoristas ucranianos e das perspectivas futuras por eles encetadas. Da mesma forma se portavam o governo dominante nazista e o soviético. Os poloneses, esforçando-se para ver no apostolado do padre Basílio alguma conotação política, insistiam em sua expulsão do território de Volyn'. Assim, em 1935, foi morar no convento redentorista de Stanislaviv. Junto com o Beato Zenão (Zinovij), prega as grandes missões em toda a Galizia e nas terras étnicas de Lemkivshchyna (região dos montes Cárpatos).

Uma vez, em 1936, achava-se, em missão, num dos povos contaminados pelo espírito radical. Por causa da grande

afluência de gente viu-se obrigado a pregar a céu aberto, no adro da igreja paroquial. Neste meio tempo um grupo de jovens, provavelmente de inspiração contrária àquela católica, postava-se fora do recinto eclesial, zombando de tudo o que acontecia e impedindo, com gritos, a pregação do padre. De repente, colhendo de surpresa aqueles jovens, o padre desceu do improvisado ambão de onde pregava, e saiu correndo em direção a eles, que buscavam salvar-se pela fuga. Mas o missionário começou a acelerar os passos e, alcançando o último do grupo, segurou-o pela mão, dizendo-lhe: “*Mas você, por que procura fugir do Cristo? Vamos escutar a Palavra de Deus*”. Os outros jovens, igualmente espantados pela atitude do sacerdote, voltaram à igreja para escutar seu ensinamento. “*Somente depois — narra o padre — é que pensei que eles poderiam ter-me matado naquele campo aberto*”. Quando se tratava da salvação eterna dos outros, ele não se importava consigo mesmo.

Depois da expulsão do padre Achille Boels, superior do convento redentorista, coube ao Beato sucedê-lo.

Sob o fogo da artilharia do Exército Russo

Um ano depois, declarada a segunda guerra mundial, já no dia 17 de setembro o exército russo “*vinha libertar seus irmãos, habitantes da Ucrânia Ocidental*”. A chegada dos “*libertadores*” significava a perseguição da Igreja Greco-Católica Ucraniana pelo governo stalinista. Durante a ocupação dos bolchevistas a popularidade do Beato cresceu ainda mais. Quando, porém, quis pregar missão num dos povoados vizinhos, um dos agentes da NKVD o alertou: “*Considerando a boa fama que o senhor goza entre o povo da cidade, aqui em Stanislaviv ninguém ousará tocá-lo. Mas, saindo da cidade, o senhor se expõe ao perigo de ser preso pelas autoridades soviéticas. Cuidado!*” (p. S.J. Bakhtalovs’kyj, C.Ss.R., *Vasyl Vsevolod Velyckovskyj, C.Ss.R. Un vescovo-Confessore. Ricordi della mia vita, p. 11*).

Em 1940 celebrava-se a festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, quando os redentoristas, como de costume, organizaram a procissão solene pelas ruas da cidade. Dela, precedida de uma cruz, participavam cerca de vinte mil pessoas. Jovens, membros da confraria de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, vestidos com roupas festivas, com tiras das cores da bandeira nacional ucraniana (amarelo-azul) nas mangas dos casacos, levavam as bandeiras eclesiásticas ornamentadas da mesma forma. É claro que o governo comunista não ficou muito satisfeito com o ato. Alguns dias depois o padre Basílio, com dois outros redentoristas de seu convento, foram chamados para “*um encontro*” particular no edifício central do departamento regional da NKVD. Durante a fase de esclarecimentos, presidida pelo próprio chefe regional dos serviços de segurança estatal, o Beato conservava um silêncio absoluto, não deixando-se perturbar por nada, enquanto recitava, calmo e tranqüilo, a oração do rosário. Respondeu, porém, a todas as perguntas do capitão Nazarov, que respeitava a dignidade humana do padre. Mais tarde, enquanto redigia seu relato autobiográfico, padre Basílio transmitiria estas palavras do capitão: “*De minha parte eu o respeito de todo o coração, porque o senhor está pronto a dar a vida por aquilo que julga ser a verdade. Considero indigno quem se comporta diferentemente*”.

Em 1941 o metropolitano Andrea, de Leopoldo, respondendo aos pedidos dos fiéis ortodoxos da Ucrânia Central, manda o padre Basílio para Kamjanets Podil's'kyj. Ele se põe a trabalhar entre eles, de acordo com as orientações do metropolitano. Cada povoado ao redor necessitava de um intenso trabalho pastoral, porque todos eles estavam privados da presença de um sacerdote havia tempo. Na prática todo paroquiano queria confessar-se, uma vez que fazia tempo que aí não se atendiam confissões. Havia também uma centena de crianças esperando o Batismo e a Crisma. As igrejas cristãs, antes

descuradas, retornavam a seu antigo esplendor, enchiam-se de fiéis sedentos da Palavra de Deus.

Apostolado perigoso

Mas o padre Basílio não pôde ficar por muito tempo em Kamjanets Podil's'kyj, pois sua atividade pró-Ucrânia não era muito agradável ao novo governo dominante. Três dias depois, em nome das autoridades militares, o chefe do departamento alemão o convoca e o acusa de estar em contato com os rebeldes de Bandera (chefe do exército nacionalista e do partido de direita com orientação nacionalista). Dentro de 24 horas devia o padre Basílio deixar a cidade, se não quisesse ser fuzilado. Assim teve que transferir-se para Lviv.

Um dia, em 1942, chegou ao convento redentorista de Lviv a notícia: as forças militares soviéticas já estão próximas da cidade de Ternopil. O superior ficou preocupado porque não havendo aí nenhum dos nossos sacerdotes, quando os russos entrassem na cidade poderiam dizer que os padres se puseram em fuga para se salvarem, desacreditando assim a Igreja Católica. O padre Basílio transferiu-se então para lá. Sórora Benedita (Serva da Imaculada Virgem Maria) assim diz da presença do padre Basílio naqueles terríveis dias: *“A vida me fez estar em Ternopil, onde o padre Basílio era superior do convento redentorista junto à Igreja da Dormição da Santa Mãe de Deus. Um homem forte no espírito, confessor experiente e pregador de apreciável eloquência, atraía para si não só com a força da palavra, mas também com lágrimas sinceras que escorriam de seus olhos, enquanto fazia a homilia. Visitava freqüentemente os doentes no hospital da cidade, onde também eu trabalhava e celebrava-lhes a Liturgia na capela interna do hospital. Não deixava nem mesmo a obrigação de visitar a casa dos idosos e os orfanatos sob cuidados das Irmãs Servas da Imaculada. Era o ano de 1942, porque já em 1943 o destino — provavelmente graças ao grande reconhecimento de sua atividade entre os fiéis — o transferiu para Lviv”*.

Em 1943 padre Basílio se achava em Lviv. Mas, pouco tempo depois volta a Ternopil. Sórora Benedita lembra: *“Chegou o ano de 1944: o Exército Russo tinha invadido violentamente o território da Ucrânia Ocidental... A ardente atmosfera de caos, em meio a explosões de bombas, berros e gritos das primeiras vítimas desta tragédia bélica, invade toda a cidade. Apesar disso, padre Basílio, depois de percorrer um bom pedaço do caminho a pé, alcançou Ternopil, com um intuito estritamente espiritual: a salvação eterna de seus fiéis. Durante toda a noite o barulho da aviação militar, o estrondo das bombas e das balas (durante uma hora e meia) ... Era nestas condições que nosso caríssimo padre, arriscando a vida, conseguia chegar até nosso convento para celebrar a Liturgia; e assim sucedia diariamente: celebrava, ouvia confissões, confortava espiritualmente...”* No período da segunda ocupação bolchevista do território da Ucrânia Ocidental, as autoridades militares da segurança nacional prenderam numa noite — do dia 10 ao dia 11 de abril de 1945 — toda a hierarquia da Igreja. A mesma sorte coube a nosso Beato. Disseram-lhe: *“O senhor pode escolher: ou assinar a passagem para a igreja ortodoxa e imediatamente voltar para casa ou renunciar à passagem e ser preso”*. Não houve hesitação ou dúvida alguma. Apenas exclamou: *“Não! Jamais!”*

Condições desumanas

Em abril o padre Basílio foi transferido para Kyjiv, para a fase instrutória. Eis como descreve: *“Fui colocado numa cela solitária, tão pequena que não podia nem mesmo sentar-me; a porta impedia-me até mesmo esticar as pernas. No mesmo dia quando vieram os chefes, puseram-me numa outra maior, onde havia uma cama de ferro para uma pessoa e em cima um colchão de palha, que depois de longo uso, apodrecia. À noite fiz força para colocar-me nele. O feno apodrecido cedeu com o peso do meu corpo. Precisei resignar-me a dormir sobre os duros ferros, em vez de uma palha macia. Depois de um mês de sofrimentos transferiram-me novamente. Desta vez para um quarto onde havia três pessoas que dormiam estendidas sobre o chão”*.

A fase instrutória continuou por quase dois longos anos. Chegou-se à sentença do tribunal regional de Kyjiv. O veredicto final dizia: *“Pena capital através de fuzilamento”*. E por quê? Por duas expressões anticomunistas: *“Horda vermelha”* e *“Facção Vermelha”* escritas em sua agenda de bolso na época da primeira ocupação bolchevista. Conta sóror Benedita: *“Fuzilamento, depois de dois longos anos de torturas horríveis, por terem encontrado com ele um livro com a oração: “Ó Mãe de Deus, protegei-nos do perigo vermelho”*”.

Esperando por três longos meses a execução da sentença, padre Basílio não deixava de realizar suas obrigações de sacerdote e pastor. Ensinava aos detentos as orações, os dogmas principais da fé católica, preparava-os para os Sacramentos: em síntese, abria aos encarcerados as portas do céu.

Condenação comutada

Um dia, à noite, chegaram alguns para levá-lo embora da cela. Não para conduzi-lo ao piso inferior, para matá-lo, como era de praxe, mas para a sala do chefe de departamento. Aí deram-lhe a notícia de que a pena capital (fuzilamento) tinha sido substituída por dez anos de prisão.

Naquela época o padre Basílio não sabia o motivo da comutação da pena. Isto aconteceu seguramente graças à sóror Benedita, que testemunha: *“Tomada de horrível medo, pedi o favor de nosso médico assistente, senhor Mazur (eu já tinha trabalhado no hospital estatal da cidade e ele era um influente funcionário do Estado, Deputado do Conselho Principal da URSS). Ele aconselhou-me escrever uma carta de súplica ao Tribunal Geral (última instância), implorando piedade para com o condenado, em nome de sua mãe, que deveria também assinar o documento, pedindo que se mudasse ‘a medida da defesa social’: da pena capital para a detenção forçada numa prisão. E, depois de algum tempo, o veredicto final do tribunal precedente foi substituído por dez anos de cárcere”*. Em fins do ou-

tono de 1945, achando-se em viagem de expulsão, suas pernas se congelaram, não podendo, durante muito tempo, ficar em pé. E, depois, uma antiga dor por vezes lhe dificultava a respiração.

Na região de Kirov os detidos ucranianos eram enviados, sob escolta, para um campo de concentração de início ocupado por alemães. Trabalhavam na floresta, cortando lenha. O padre Basílio esteve neste campo por dois anos, trabalhando no depósito do departamento sanitário.

Em 1947 padre Basílio é transferido para Vorkuta, onde é obrigado a trabalhar nas minas de carvão. Nos campos de Siblag as condições de vida eram tão difíceis para a sobrevivência dos detentos que eles organizavam periodicamente pequenas rebeliões contra a administração do campo, com o objetivo de conseguir pelo menos um mínimo de melhoramento. Estes esforços às vezes não ficavam sem seu *“prêmio”*. Acontecia que depois de tais rebeliões os soviéticos massacravam milhares de encarcerados. Depois de uma destas pequenas *“revoluções”*, os chefes do campo suspeitaram do padre Basílio como um dos organizadores da revolta. Por isso transferiram-no para uma das mais horríveis prisões da URSS, em Voldymir, sobre o rio Kljaz'ma. Aqui, aconselhado também pelos seus colegas, escreve a Moscou protestando e replicando que o tribunal lhe fora injusto. Não se sabe como, mas seu pedido foi aceito. Assim, retornou aos campos vorkutinos com seus habituais 50 graus abaixo de zero no inverno, com as minas de carvão e com as barracas do campo, onde se precisava dormir vestidos por causa do frio gelado, para não dormir eternamente...

“A vida religiosa no campo era bastante viva, dirá mais tarde o bispo Basílio. Quanto mais insuportáveis os sofrimentos pelos quais devemos passar, tanto mais sentimos a necessidade da alegria do espírito.”

Por Igreja, uma tampa de metal

Padre Vasyl, embora em condições mais que “primitivas”, não deixava de lado a celebração litúrgica diária, embora de forma oculta. Por patena e ao mesmo tempo como altar servia-se de uma pequena folha metálica redonda que normalmente se usa para cobrir pequenas latas de metal com produtos em conservas... *“Este pedaço de metal era seu cálice, sua patena, seu altar, sua igreja; ... a igreja que ninguém e nada podem destruir porque esta é a força de sua convicção, a graça de Deus”*, dirá depois o metropolitano Maksym Ghermanjuk.

Padre Basílio era uma pessoa exemplar para os outros encarcerados. Borys Mirus, um deles, assim escreve de nosso Beato: *“Na galeria de minhas recordações ocupa o primeiro lugar, o mais honrado, o retrato do pastor de almas, Basílio. Embora envolto no mísero e gasto uniforme do campo, parecia ser uma pessoa extraordinária, de imensa dignidade. A barba mais longa, o passo calmo e atento, os gestos elegantes e a forma gentil de se comunicar com os outros, tudo isto revelava sua majestosa nobreza. Os jovens chamavam-no ‘nosso capelão’. Gozava de indiscutível estima entre todos os ucranianos encarcerados por motivos políticos no campo vorkutino. Foi respeitado não só por eles, porque era uma personalidade capaz de reunir a todos nós prisioneiros sem olhar para a diferença religiosa ou política, capaz de reunir num esforço de purificação contra o pó do horrível dia a dia que procurava nos dominar pela via da injusta concorrência, de intolerante divergência de opiniões, de imunda rotina da vida no campo. Foi um verdadeiro espiritual, no significado mais profundo da palavra. Padre Basílio, enquanto me lembro, estava sempre recolhido na oração do rosário. Orava por nós, privados de nossa liberdade, orava também por aqueles que nos vigiavam e torturavam os detentos. Parecia querer trazer o céu a todos. Amava com amor cristão nossos impiedosos guardiães! Era incrível, mas era verdade. E esta verdade se aninhou em meu coração para sempre. Ela brilhava, reluzia e difundia raios de luz nas trevas da absurda inimizade de*

uns para com outros, que reinava nos campos stalinistas. Padre Basílio trabalhava na mina como porteiro, e seu, por assim dizer 'escritório', foi o lugar habitual para nossos encontros, porque eu por algum tempo o substituí. Função do porteiro era controlar o acesso de ar fresco nas 'vísceras' da mina. Em comparação com outros, um trabalho bastante fácil. Para dizer a verdade, todos os detentos faziam de tudo para colocar o bispo Basílio numa maior comodidade, para facilitar-lhe as condições vitais e livrá-lo da brutalidade do campo. A direção do campo, porém, assumiu uma posição absolutamente contrária, comportando-se perante ele de forma muito severa; antes o caluniava muitíssimo. Os oficiais da KGB e o chefe do campo consideravam-no 'extremamente perigoso'. Por isso sempre que se aproximavam as 'festas' soviéticas (1º de maio, 7 de novembro), nosso 'governo' local recolhia o padre Basílio numa 'barraca de regime especial'. Ele, porém, mantinha-se imperturbável. Todo ano, na quaresma, e também durante outras festas religiosas, padre Basílio confessava, às ocultas, os prisioneiros. Tive a graça de confessar-me com ele. E isto deixou um traço indelével no profundo de meu coração..."

Os últimos meses de 1955, antes de terminar o tempo de sua detenção, graças ao apoio de seus irmãos e alojados, o Beato trabalhou como encarregado na repartição médica sanitária do campo. Um trabalho mais pesado teria ultrapassado suas forças, pois os dez anos de vida no campo tinham destruído completamente sua saúde.

Retorno a Lviv

Chegou 1955. “*Bem depressa, surpreendentemente depressa, passaram os dez anos de minha condenação... por causa de minha renúncia a trair a fé católica*”, — escreve o Beato em suas memórias (Autobiografia do Beato, in p. S.J. Bakhtalovs'kyj, C.Ss.R., *Vasyl Vsevolod Velychovskyi, C.Ss.R. Un vescovo-confessore. Ricordi della mia vita*, p. 122).

Depois de sua volta a Lviv o padre não encontrou, como

era de se prever, nenhuma igreja ou capela onde podia celebrar a Eucaristia. Mas a força de ânimo não o abandonara. Em seu apartamento na rua Vozzjednannja, 11, construiu um altar provisório, feito de caixas de papelão vazias, colocando-o debaixo da cama e ocultando-o de olhos curiosos. Poucas pessoas, seis ou sete, vinham até ele para participar da Liturgia.

Não obstante a clandestinidade, padre Basílio nunca teve medo de ser descoberto pelos espões do serviço secreto que sempre vigiavam sua atividade sacerdotal. Celebrava diariamente, orientava retiros espirituais, guiava espiritualmente muitas pessoas que se dirigiam a ele para aconselhamento, direção espiritual etc... Não temia os riscos, nos quais cairia, se descoberto. Viajava com frequência a Stanislaviv, Ternopil, para celebrar a Liturgia, abençoar matrimônios, batizar, ouvir confissões. A senhora Roghulja Anastácia, de quem o Pe. Basílio foi por longo tempo diretor espiritual, diz: “...*Conforme minhas observações, sua excelência Basílio tinha o dom de conhecer o coração do penitente. Muitas vezes fazia-nos confessar pecados que tínhamos esquecido... Pregava em toda Liturgia, e dizia que pregaria igualmente, mesmo se não houvesse ninguém na celebração*”.

Em 1959 a Santa Sé nomeou o padre Basílio “bispo da Igreja do Silêncio”. Por causa das dificuldades da situação religiosa que ainda perduravam só pôde ser sagrado bispo quatro anos depois, em 1963.

Antes de sua segunda detenção, a polícia de Estado por diversas vezes vistoriou sua moradia e confiscou não apenas as coisas ligadas a seu serviço de ministro da Igreja que, segundo as leis soviéticas podiam ser usadas privadamente, mas também o dinheiro, talheres de cozinha, fotos.

“No dia 2 de janeiro de 1969 novas averiguações, confisco de bens e prisão. Foi assim: Alguns dias antes visitaram-nos três sacerdotes estrangeiros. Nós nos conhecemos, tomamos refeição juntos,

confessamo-nos mutuamente. O bispo deixara em sua mesa alguns documentos, livros, dinheiro etc... Por fim, antes de partir, os hóspedes propuseram fazer uma foto de recordação. No dia seguinte — num assalto de improviso — os espões forneceram todas as provas necessárias.”

Nova detenção

Dez anos de prisão não tinham “curado” o bispo Basílio. Continuava sendo um cristão católico, “fazendo agitação e propaganda anticomunista no meio do povo, fugindo do trabalho físico e intelectual em favor do estado soviético. Nunca se portou como cidadão exemplar da URSS. Além disso, escreveu e divulgou um livro sobre a Mãe do Perpétuo Socorro onde procurava demonstrar sua tese que um homem sem fé jamais poderia ser um autêntico cidadão fiel a seu Estado; escutava também as transmissões da Rádio Vaticano”. Foi tudo o que se necessitava para sua nova detenção, no dia 2 de janeiro de 1969, na esperança de reconduzi-lo à prisão. Durante oito meses de fase instrutória, antes da decisão definitiva do tribunal, nosso Beato, agora com 60 anos, não viu a luz do sol e nem respirou ar fresco. No dia 27 de janeiro de 1969 o bispo Basílio foi novamente preso e condenado a três anos de reclusão. A este respeito disse: “Fiquei muito doente...”

“O processo sobre Basílio terminou. O uniata convicto foi justamente condenado pela sua atividade criminoso, — escrevia um tal M. Belins’kyj em seu artigo “Judas”. Certamente este senhor não sabia que — dando ao Beato o título de “uniata convicto” — destacava mais uma vez a fidelidade do bispo ucraniano a Deus, sua firmeza na fé cristã, mesmo depois das terríveis vicissitudes pelas quais deveria passar na vida.

O triênio de prisão para o bispo começou no cárcere de tratamento especial em Komunars’k. Depois de alguns meses de estadia, descobriu-se que sofria gravemente do coração. Sua irmã, na época cidadã da Iugoslávia, ficou a par, através de

suas cartas. Dirigiu-se muitas vezes ao governo soviético, procurando libertar seu irmão por causa de suas doenças, mas nunca obteve resposta da URSS. Entretanto, graças à chegada de um novo chefe na prisão, o bispo foi recolhido no hospital do cárcere para tratamento necessário. Chegou até nós o documento médico que informava sobre o estado de saúde de Basílio, emitido pelos médicos da prisão, a pedido da senhora Shevchuk Anna di Andrea, no dia 27 de setembro de 1971. Segundo ele o bispo sofria de arteriosclerose em forma metabólica do circuito sangüíneo do cérebro, de cardiosclerose de tipo arteriosclerótico com impedimento de circulação sangüínea de II grau B, de bronquite crônica e de enfisema pulmonar. O diagnóstico do médico é mais do que claro: *“Inválido de II categoria”*.

E é muito curioso que este bispo, velho e inválido, fosse considerado pelo governo tão perigoso ao estado bolchevista que jamais se deu resposta aos inúmeros pedidos da senhora Shevchuk.

“Ele não gostava muito de contar sobre sua permanência na prisão. Provavelmente foi torturado sem piedade. Isto se explica porque quando levado ao hospital de Winnipeg, ficasse tomado de tanto medo — quando via os médicos de branco — que o suor cobria-lhe a fronte e o coração batia impetuosamente. Vendo-os, lembrava quanto tinha sofrido no cárcere. Isto deixa muito espaço à imaginação!”

No exterior, para “repouso”

No dia 27 de janeiro de 1972 encerrou-se para o bispo Basílio o segundo período de prisão. Desta vez as autoridades não lhe permitiram voltar a Lviv e propuseram-lhe ir para a Iugoslávia *“para descansar”*. Sórora Benedita escreve: *“Quando terminou o tempo, expulsaram-no do país — ‘para visitar a irmã’, cidadã iugoslava. E, acompanhando-o nesta viagem injetaram-lhe alguma substância química, ‘para que não nos prejudique e não os ajude’.* (O bispo perdeu praticamente a memória).”

Depois de breve permanência na casa da irmã, em Zagreb, ele apresentou-se ao cardeal Josyp Slipyj, em Roma, e encontrou com muitos compatriotas. O Beato foi acolhido privadamente por Paulo VI. Visitou depois o Canadá, a pedido do metropolitano Ghermanjuk. Chegou em Winnipeg no dia 15 de junho de 1972.

“Depois de tantos anos de exílio e cárcere, longe de meus compatriotas, sinto a alegria de estar aqui, junto com vocês, entre os ucranianos do mundo livre. Que alegria poder pregar livremente em nossa igreja, sem o risco de ser mandado por isso ao campo de concentração ou a uma prisão. Como é bonito poder pregar num templo ucraniano, usando da língua da própria nação. Os cárceres e campos de trabalho debilitaram e destruíram minha saúde, mas esta é a cruz que o próprio Senhor colocou em meus ombros.”

“Tenho impressão que, estando no cárcere, o Servo de Deus tenha sido objeto de experimentos médicos como são os ratos. Isto incluía provavelmente também a administração de diversos psicofármacos, com o objetivo de produzir um tal efeito na psique humana.”

“Eu me lembro também que quando lhe perguntava sobre coisas da ex-URSS, mesmo que superficiais ou de pouco valor, ele procurava sempre verificar com um rápido olhar onde estávamos e me perguntava se podia falar livre e abertamente. Eu lhe dizia que sim, que estávamos num mundo livre onde cada qual tinha o direito de fazer qualquer coisa em vista do bem e dizer tudo o que julgava oportuno, servindo-se da liberdade pessoal e da própria consciência. Ele, porém, rebatia que os agentes da KGB podiam estar presentes, ou melhor, eles estão por toda parte, e só com minha insistência continuava falando com a voz no mais das vezes muito baixa.

Achando-se no leito de morte, esperando a feliz passagem para a eternidade, procurava eliminar, destruindo ou escondendo, tudo o que lhe dizia respeito, dizendo: ‘Eles, os bolchevistas, podem chegar aqui a qualquer momento e não quero que vos façam o mal por minha causa’.

O chefe da Igreja Greco-Católica Ucraniana clandestina não poderia, contudo, gozar por muito tempo da liberdade, oferecendo aos ucranianos da diáspora o testemunho vivo das perseguições que a Igreja sofria naquele tempo. Seu amoroso coração paterno parou aos sessenta e um anos de idade, depois de dez anos de serviço episcopal. Era o dia 30 de junho de 1973.

BEATO ZENÃO
(Zynovij Kovalyk)
(1903-1941)
- sacerdote redentorista -

Unido ao sacrifício de Cristo

O beato Zenão nasceu no dia 18 de agosto de 1903 em Ivatsciv Horiscnij, um povoado da região de Ternopil. Era de uma família de camponeses pobres. Antes de ingressar para a vida religiosa foi professor numa escola primária da roça. Era extraordinariamente aberto como pessoa e jamais cedia em compromissos em relação à fé.

Depois de descobrir em seu íntimo a vocação que desde criança o convocava a uma doação completa a Deus, entrou para a Congregação Redentorista, e aí emitiu seus votos religiosos em 28 de agosto de 1926.

Logo depois, em posse das qualidades necessárias, os confrades enviaram-no para a Bélgica, onde completou os estudos de filosofia e teologia. Retorna à Ucrânia e é ordenado padre no dia 9 de agosto de 1932. Sinceramente dedicado a Deus no fundo de seu coração, desde então já se oferecia ao Senhor enquanto celebrava o sacrifício eucarístico. No dia 4 de setembro pisou, como neo-sacerdote, pela primeira vez Ivatsciv, terra de seus pais, para celebrar junto aos seus sua primeira missa. Aí escreveu, num pedaço de papel de carta, como recordação de sua primeira missa: *“Ó Jesus, aceitai-me com o sacrifício de vosso corpo e sangue. Aceitai esta minha oferta pela*

vossa santa Igreja, pela Congregação, e pela pátria. Abençoei meus pais, minha família, os amigos e todos os que me são caros... Ó Maria, minha querida mãe, protegei meu sacerdócio. Evós, meus queridos amigos, quando virdes esta imagem, pensai por um instante naquele que Deus fez digno de ser seu sacerdote, orai por ele e ele recordar-se-á de vós todos os dias na santíssima Liturgia”.

Estas palavras foram aceitas como pedras preciosas por Cristo. Provavelmente, nem mesmo ele sabia que nisto estava a profecia de seu futuro, que deveria ser assinalado através de um glorioso martírio.

Entre os Ortodoxos

Terminados os estudos, em 1932, nosso beato vai para Volynia para trabalhar entre os ortodoxos, com o intuito de apressar a união com o papa. O jovem padre era muito alegre e mais vezes brindava os confrades e os fiéis com o espírito de alegria. Tinha uma belíssima voz e a pronúncia bem clara, e com seu zelo apostólico conseguia mover os corações de muitos. *“Cheio de energia, um cantor difícil de se imaginar e um pregador eloqüente, um verdadeiro Crisóstomo. Se De Vocht foi um bravo pregador para as pessoas cultas, capazes de colher a lógica férrea dos argumentos, o padre Zenão é considerado como um verdadeiro pregador de missões.”* Quando pregava, percebia-se que era a força de Deus que prorrompia com ímpeto em milhares de corações. Em seu necrológio, publicado na Analecta C.Ss.R., podemos ler: *“Este nosso confrade, que brilhava de amor para com o próximo, usava seu conhecimento da língua russa, multiplicada pelo nobre desejo e aspiração pelo bem, com intuito de ajudar o maior número possível de pessoas e de salvar tudo o que é mais caro à alma católica...”*

Tinha uma profunda veneração para com a santíssima mãe de Deus e diante dela se portava como uma criança. Quando lhe tocava dirigir missões, toda vez procurava realizar os

habituais nove dias em total devoção a Ela — celebrava a novena ao Perpétuo Socorro, e também os *Moleben'* em honra à Mãe de Deus. Algo de muito especial eram algumas de suas pregações, dedicadas e previstas num dado momento da celebração. Seus conteúdos e significado eram tão profundos e bem propostos que quando, no fim, entoava o costumeiro *“Intercedei por nós”*, notava-se que os fiéis ficavam logo entusiasmados pela sua presença e por isso cantavam com uma alegria nunca vista.

Suas missões tiveram grande sucesso. Depois do trabalho pastoral em Vlynia, transferiu-se para Stanislaviv e junto com o padre Porodko e Antonyscyn desenvolveu muitíssimos trabalhos apostólicos nos povoados da eparquia. Imediatamente antes da ocupação soviética daquela região do país, transferiu-se para Lviv e por pouco tempo viveu na casa redentorista de São Clemente, na rua Zyblykexytsc.

Administrador e Confessor

Pe. Zenão tinha predisposição para ser ecônomo. Por isso o metropolita de Lviv confiava-lhe sempre questões econômicas da metropolitado. O necrológio fala disso: *“Freqüentemente, ou antes muito freqüentemente, visitava o metropolitado, apresentando-se ao metropolita Andrij (Septyckyj) para dele receber ordens a executar. Por isso os russos, que nutriam um sentimento anti-papa, consideravam-no agente do Metropolita, seu braço direito”*. Desenvolvendo a função de ecônomo, *“não deixou de prestar serviço sacerdotal, por isso todo domingo, mesmo durante a ocupação bolchevista, continuava a pregar a Palavra de Deus numa das igrejas da cidade...”* *“Como consequência seus inimigos consideravam-no espião do metropolita e buscavam ocasião para prendê-lo.”*

Um campo importantíssimo de seu trabalho foi o confessionário. Seu trabalho não ficava sem grande sucesso: uma multidão acorria até ele, a quem procurava dar conforto espiritual. Seus

ensinamentos eram inesquecíveis. Sabia aproximar-se de cada um e conseguia, assim, convencer também os doutos e sábios deste mundo do absurdo de sua posição de incrédulos. Conseguia levar a todos o testemunho do amor de Deus.

Quando Lviv foi invadida pelas tropas soviéticas (1939) padre Zenão morava em Zyblykevyc, num dos conventos da Congregação, onde ocupava o ofício de ecônomo. Foram tempos difíceis, pois o andar térreo do convento fora ocupado por um esquadrão da NKVD. Na casa era tempo de carestia. Um benfeitor, o senhor Grytsna, decidiu levar um pouco de alimentos ao convento dos redentoristas. Assim, depois de carregar os trenós com pães e outros alimentos, arriscando-se cair nas mãos dos bolchevistas, entregou tudo através dos muros do convento. O padre Ziatyk e Zenão se aproximaram, cada um tomou um pão nas mãos, fizeram o sinal-da-cruz e ajoelharam, depois ergueram os pães e rezaram, enquanto os outros padres e estudantes permaneciam em pé, atrás deles, num profundo silêncio: então beijaram os pães e se levantaram. Fiquei emocionado! Depois de alguns dias o padre Zenão veio e me disse que o Pe. De Vocht tinha deixado a ordem para que em cada santa missa fizéssemos memória do benfeitor da Congregação... E estive em perigo de vida mais de uma vez, mas estou certo de que estas orações na Santa Missa me salvaram..."

Diante da invasão

Quando os soviéticos tomaram a Galizia, o medo tomou conta do povo. Mas, ao mesmo tempo, o povo pôde admirar a tenacidade do padre Zenão. Enquanto a maioria dos pregadores procurava continuar sua atividade esclarecedora clandestinamente, deixando de lado, em suas homilias, a problemática bastante provocante do momento e encorajando os fiéis a uma fidelidade abstrata a Deus, separada da realidade concreta, o Beato não julgava oportuna a silenciosa divergência contra todas estas manifestações do ateísmo, que progrediam cada dia com mais força...

Um dos fiéis descreveu este período da história e o comportamento do padre Zenão neste tempo difícil: *“As homilias deste homem impressionavam os ouvintes. Mas ao sistema, onde reina a mentira do informante secreto dos órgãos de segurança do Estado e o terror total, este comportamento de padre autêntico não podia passar despercebido: declarar-se padre era muito perigoso. Por isso freqüentemente procuravam convencer o padre Zenão a tomar cuidado com o que pregava, para não instigar os bolchevistas, porque neste caso estaria em jogo a própria vida. Tudo em vão! Já tinha para mim a resposta decidida e definitiva do padre: ‘Se esta for a vontade de Deus, eu aceitarei até a morte com alegria, mas como pregador não serei jamais o conformista, desviando os caminhos da verdade’”*.

Nosso apóstolo continuava a pregar corajosamente, com uma linguagem simples e clara, ofertando às pessoas seus preciosos ensinamentos, sustentando com sua prática o que pessoalmente disse uma vez: *“As pessoas simples não têm necessidade de teologia, mas sim da verdade sobre a vida — a deste mundo e a da realidade lá de cima”*.

Sua última pregação pública aconteceu em Ternopil, aonde fora enviado pelos superiores para pregar durante a festa da Assunção da Mãe de Deus, em 1940. Uma multidão de dez mil pessoas escutava sua homilia. No mesmo dia aconteceu também uma procissão solene, que terminou com a consagração e levantamento da cruz da missão.

Seu desejo de martírio pela fé realizou-se nove anos após sua ordenação sacerdotal. Lá pelas dez da noite entre 20 e 21 de dezembro os agentes da NKVD bateram à porta do andar superior do convento, enquanto o andar-térreo estava ocupado por um esquadrão da NKVD. O vice-provincial, padre De Vocht, testemunha ocular da prisão do Beato Zenão, assim conta: *“Abri a porta e imediatamente um grupo de uns dez policiais com baionetas, passando pelo corredor se aproximou de mim gritando para acender a luz. Porque do meu quarto aberto se via um pouco de*

luz, todos se aproximaram, prenderam-me e levaram-me ao meu quarto... Obrigaram-me a fornecer a lista dos meus confrades moradores da casa... E, diante de cada porta, tive que indicar o morador. Chegando à porta do quarto do padre Zenão, quando o chefe dos policiais ouviu seu nome, senti que o seqüestrador tinha encontrado sua vítima. Batendo com força, acordaram o pobre padre. Ele, quando abriu a porta, entendeu logo a situação: ficou pálido, mas logo se recompôs. O chefe ordenou que se vestisse e, colocando-se à escrivaninha, começou a fazer perguntas e a escrever o protocolo, enquanto outros dois policiais olhavam em tudo, para ver se encontravam algo que o compromettesse. Puseram sobre a mesa seus antigos passaportes, o atestado de sua ordenação sacerdotal etc... Algumas medalhas encontradas na escrivaninha suscitaram-lhes um sorriso irônico. Especial interesse teve o chefe dos policiais no caderno onde o padre escrevera suas pregações durante a novena da Imaculada Conceição. Estas coisas e o protocolo assinado pelo padre Zenão e por mim referiam-se ao equívoco dos passaportes, como me disse o chefe. Esta era a frase habitualmente usada em casos semelhantes e todos sabiam disto. O chefe explicou que tinham prendido na fronteira alguém que queria fugir com o passaporte de Zynovij Kovalyk (Zenão), que morava na rua Lublins'ka 30, em Lviv. Por isso queriam verificar se o padre tinha alguma relação com esta pessoa. Mais tarde, quase gritando, pediu que tomasse cuidado de não provocar o povo, fazendo disto a causa de perseguição religiosa, pois isto poderia ocasionar a prisão em qualquer dia... Logo depois o padre Zenão pediu a bênção e a absolvição ao superior Pe. De Vocht. Depois, rodeado do grupo de policiais e carregado de despedidas da comunidade, deixou nosso andar, onde por quase um ano e meio havíamos passado juntos tantos momentos da vida. Na rua, entrou no carro dos policiais, e desapareceu”.

Os inumeráveis esforços dos confrades redentoristas para obter ao menos uma simples informação de seu paradeiro foram em vão. Somente no mês de abril de 1941 soube-se que estava no cárcere da rua Zamarstynivs'ka (chamada

Brghidky). A isso se refere também o padre De Vocht em sua carta-testemunho, descrevendo também as tentativas de pôr-se em contato com o padre Zenão: *“Uma vez apenas permitiram-nos dar-lhe um pouco de comida e roupa. Escrever aos prisioneiros era terminantemente proibido. Todas nossas tentativas de entrar em contato com o padre Zenão eram respondidas com raiva e com informações falsas sobre seu futuro lugar de permanência”*.

Apostolado na prisão

Até o fim da primeira ocupação bolchevista de Lviv — de acordo com companheiros de prisão que por sorte conseguiram salvar a vida -, o padre Zenão não deixava de lado, nem um minuto sequer, sua atividade apostólica.

Um de seus colegas de prisão disse que esteve com ele na mesma cela até dia 17 de junho, quando foi transferido para outra prisão. Na cela número 71, de 4,20x3,50, foram colocadas 32 pessoas, entre as quais o padre Zenão. Não havia cama, nem cadeira ou banquinho. Quando se deitava para dormir, procurava cobrir com sua própria coberta os mais próximos. Cada dia dirigia a oração comum dos prisioneiros: rezava-se o terço e aos domingos o rosário completo. Rezava todo dia, privadamente, as orações litúrgicas (o Breviário, as partes da Liturgia etc.), e no mês de maio o *Moleben* à santíssima Mãe de Deus. No dia da Epifania do Senhor, Zenão fez com que todos saboreassem de novo a alegria de participar do rito da bênção das águas chamadas *“do Jordão”* (um rito todo especial que se repete anualmente nestas circunstâncias).

Sua preocupação apostólica desembocava também na contínua administração do sacramento da confissão, no ensino e na catequese. Tinha jeito especial para contar, de forma divertida, várias histórias de conteúdo variado (também religioso), como fizera, muitas vezes na comunidade. Por esta

sua índole alegre embora ligada a um severo rigor apostólico, foi muito estimado pelos prisioneiros. No cárcere as pessoas sentiam especial e urgente necessidade de conforto e de esperança e o padre Zenão foi capaz de proporcioná-las a todos.

No tempo em que esteve preso — apenas seis meses — foi interrogado vinte e oito vezes, e nos dias 9 e 10 de junho foi levado para ser interrogado na cidade. Os interrogatórios não foram fáceis. Transferiam-no de um local para outro. Uma vez foi impiedosamente espancado a ponto de ficar gravemente enfermo, com grave hemorragia nasal e rápido definhamento generalizado.

Um sacerdote crucificado

No dia 29 de junho de 1941 o avanço do exército alemão obrigou os soviéticos à fuga, deixando a cidade para o novo ocupante. Os alemães ordenaram que as prisões de Lviv fossem abertas e os prisioneiros libertados. Assim as portas da prisão “*Bryghidky*” também foram abertas. De suas vísceras brotaram montes de cadáveres aí massacrados, com sinais de torturas pelo corpo.

A senhora Antonina Lach testemunhou no tribunal eclesiástico o que ouvira do tio Stepan Hajovyj, irmão de sua mãe, que trabalhava na cúria do metropolita Andrij Septyckyj. No primeiro dia, logo depois da abertura da prisão “*Bryghdky*” ela se dirigiu para lá por simples curiosidade porque se falava dos grandes massacres perpetuados nas prisões de Lviv. Viu uma coisa terrível: “*Um sacerdote crucificado com um menino colocado em seu seio*”. O rosto do sacerdote crucificado era conhecido da cúria do metropolitado. Estava segura que era o padre Zenão. Também outros cidadãos de Lviv, que ouviram falar disso, foram ver estas cenas terríveis durante o primeiro e segundo dia. Eles também viram o sacerdote crucificado, mas não tiveram tempo necessário para reconhecê-lo.

A fama destas terríveis imagens difundiu-se por toda a cidade de Lviv. Os redentoristas, confrades do padre Zenão, não conheciam seu paradeiro. O superior, padre De Vocht com o padre Ziatyk buscavam o confrade encarcerado por todos os lugares, mas não conseguiram encontrá-lo entre os prisioneiros que se salvaram. Já no primeiro dia, à sete da manhã, o padre De Vocht foi até o cárcere para ver se podia entrar e procurar seu confrade desaparecido. Ao redor da prisão juntou-se tanta gente que também queria entrar e procurar por parentes, mas os soldados alemães não permitiam a todos.

Assim, nos dois primeiros dias da abertura do cárcere “*Bryghidky*” o padre De Vocht não conseguiu entrar. No dia 2 de julho de 1941 os alemães permitiram a um sacerdote celebrar a Panychyda pelos mortos da prisão. O padre De Vocht entrou com ele até os subterrâneos da prisão, valendo-se de uma máscara e uma vela na mão. Viu montes de cadáveres que cheiravam muito mal e já em estado de decomposição. Fez todo o possível para encontrar o corpo do confrade, mas não conseguiu encontrá-lo nem mesmo aí. O irmão Vasyl Stec’ diz: *“Padre De Vocht disse-me: ‘Estive na prisão. Vi um homem pregado na parede, mas não pude reconhecer quem fosse, porque já estava em fase de decomposição’.*

Na ausência de notícias seguras, o padre De Vocht colocou um anúncio no jornal, como diz em seu testemunho: *“Pus um anúncio no jornal que foi publicado logo depois da saída dos bolchevistas, pedindo se haveria alguém que pudesse dar informações sobre o padre Zenão. Recebi duas informações que considero plenamente evidentes e seguras e que se integram reciprocamente”.*

A lembrança de uma testemunha

A primeira das duas testemunhas oculares falava sobre a vida na prisão na Rua Zamarstynivs’ka e o comportamento heróico do padre Zenão. Não sabia nada de sua morte, pois

no dia 16 de junho de 1941 tinha sido transferido para outra prisão. As informações trazidas pela segunda testemunha se integram com a primeira. Era um jovem de dezesseis anos e meio que fora preso no mesmo dia que o padre Zenão (22 de dezembro de 1940). O padre De Vocht encontrou-o no hospital no fim de julho de 1941. Ele relata: *“Pe. Zenão conhecia bem a língua russa e tinha um bom humor, coragem, força de ânimo, por isso foi escolhido como mediador entre o governo da prisão e os prisioneiros e isto lhe proporcionava de quando em quando algum pequeno favor, por exemplo um balde d’água... A semana de 22 a 29 de junho de 1941, a do bombardeio, foi um tempo particularmente difícil para os prisioneiros, que não sabiam o que estava acontecendo lá fora. Padre Zenão, muito debilitado fisicamente, estava tomado de um instintivo medo das bombas. Durante esta semana na cela 71 havia ainda dezessete prisioneiros junto ao padre Zenão. Entre eles havia um sacerdote polaco e um judeu. Os católicos confessaram-se no dia 27 de junho e na mesma tarde vieram os guardas da prisão levando consigo treze prisioneiros com suas bagagens. Na cela ficaram um judeu e dois jovens, um dos quais foi levado embora na noite seguinte... Os prisioneiros que ficaram não sabiam o que tinha acontecido aos amigos de cela. Que sorte lhes tinha tocado? Evidentemente tinham sido levados ao subterrâneo, onde a partir de 24 de junho teve início o extermínio dos prisioneiros...”*

O padre Zenão deve ter morrido aí, pois conforme o jovem, no início desta semana os prisioneiros condenados foram levados para a Sibéria ou outra prisão. No final da semana as comunicações foram interrompidas e não se podia mandar mais ninguém para lugar algum. *“Dizia-se que muitos sacerdotes eram crucificados nas paredes e seus corpos eram tratados de forma abominável e que o padre Zenão era um destes crucificados”*.

O Padre De Vocht também deu informações sobre o Beato ao Superior Geral dos redentoristas em Roma. O padre Geral assim respondeu ao padre De Vocht: *“Com grande pesar*

soubemos, através de sua carta, da morte do padre Zenão na prisão dos bolchevistas. Parece que não se possa haver outro motivo e recitamos as orações prescritas pela nossa Regra. Que o bom Deus acolha seu sacrifício não só por si mas também pela vice-província, por toda a Congregação e também pelo povo ucraniano, que tanto sofreu". Nas cartas ao bispo Mycola Carneckyj o superior geral escreve: *"Pobre padre Zenão, foi oferecido como sacrifício por todos"*.

Por muito tempo as cenas vistas na prisão *"Bryghidky"* ficaram na memória do povo. Com o retorno dos comunistas em 1945 não mais se pôde falar do que sucedera nos anos anteriores. Assim, foi se esquecendo também da causa do padre crucificado.

A Ucrânia era uma das quinze repúblicas que faziam parte da URSS. A Igreja greco-católica foi, em 1945, declarada fora de lei pelo governo comunista, mas ela continuou clandestinamente seu apostolado.

O Beato Vasyly Velyckovsyj (Basílio), bispo e redentorista, no dia 01 de setembro de 1972, relatou ao Padre Stepan Josyf Bakhtalovs'kij o testemunho de um prisioneiro do cárcere: sabia que o padre Zenão tinha sido crucificado na parede do corredor da prisão e que ele mesmo fora testemunha ocular disso.

Quase o mesmo foi relatado pela senhora Maria Fedyk ao padre Stepan Menjok, redentorista, então pároco do povoado de Kamjanobrid (distrito de Javoriv, região Lviv). Eis alguns trechos de seu depoimento por escrito: *"Eu, Maria Fedyk, vivi entre 1931 e 1979 no povoado de Luzok Doliscnij do distrito de Droghobyts, hospedada pelo padre Kuzytsc. Ele recebeu inúmeras vezes a visita de seu irmão de sangue Ivan, engenheiro que, depois da guerra, passou a morar em Lviv, à rua Gjajdar. Ele contava como o torturaram, no cárcere, em 1941, na rua Zamarstynivs'ka e que vira, com os próprios olhos, como tinham crucificado, à maneira de Jesus, o sacerdote Zenão, C.Ss.R.; ele, ao contrário, foi jogado dentro dum carro para o transporte de animais e levado à Sibéria. Só conseguiu se*

salvar com a ajuda de seus companheiros de cárcere tomando água açucarada e depois, quase por milagre, foi acordado em Poltava pelo forte apito do trem. Ele me contou isto durante o verão e morreu no outono. Não me lembro em que ano foi, mas ele pediu-me para contar esta história a todos”.

Relendo os documentos

Depois da queda do comunismo na Ucrânia, os redentoristas, à semelhança de toda a Igreja greco-católica, iniciaram abertamente sua ação missionária. Neste tempo a Igreja greco-católica e várias congregações e ordens religiosas pediram ao governo que restituísse tudo o que os comunistas lhes tinham roubado. Assim foram consultados também os arquivos para encontrar os documentos e informações seguras e oficiais sobre o destino das pessoas perseguidas durante o regime comunista. Assim também os redentoristas encontraram muitos documentos sobre os confrades condenados pelo regime.

No Arquivo Secreto do distrito de Lviv foi encontrado um documento sobre o Pe. Zenão. Aí se afirma que ele estava sendo investigado com base nos artigos 54 - 10 e 54 - 11 do Código Penal da República Soviética Socialista Ucraniana. Fala igualmente de um elenco de prisioneiros fuzilados no mês de julho de 1941, entre os quais, sob o número 277, está o padre Zenão, nascido em 1903. Todos os testemunhos e documentos conservados até hoje dizem que o Beato Zenão foi crucificado na parede do cárcere denominado “*Bryghidky*”. Apenas um documento oficial do Arquivo Secreto do Estado, que contém os documentos da NKVD, diz que foi fuzilado. Tantas vezes os comunistas e seu serviço secreto, quando não podiam ou não queriam dizer a verdade, produziam documentos falsos e difundiam informações pouco confiáveis ou falsas.

Tudo somado, pode-se atestar, com certeza, que o Beato Zenão foi morto no cárcere, embora não se saiba exatamente a forma.

BEATO NICOLAU
(MYKOLA CARNECKYJ)
(1884 — 1959)

Bispo

Exarca apostólico de Volyn' e Pidljashja

Infância e Juventude

Nicolau (Mykola Carneckyj), um apóstolo para o povo ucraniano, nasceu em Semakivtsi, pequeno povoado da Ucrânia Ocidental. Era o dia 14 de dezembro de 1884. Seus pais, Alexandre e Parasceva, eram dois camponeses simples que viviam e trabalhavam na paróquia do padre Karatnyts'kyj. O pequeno Nicolau era o mais velho dos nove filhos. Cresceu numa boa atmosfera espiritual. Recebeu a educação elementar na escola popular no vilarejo de Tovmac, onde completou também o grau médio dos estudos e depois se inscreveu no ginásio de Stanislaviv (hoje Ivano-Frankivs'k). Destacava-se dos demais pela atenção e pela bondade que pareciam permear todo o seu ser.

Foi de fato o Espírito Santo que trabalhou visivelmente numa alma tão aberta e obediente a seu sopro. Padre Atanásio Tymkiv, companheiro de escola, assim diz: *“Distingua-se pelo comportamento exemplar, sempre estava em harmonia com todos, não fazia mal a ninguém. Era taciturno, atento no cumprimento de seus deveres, preciso e obediente. Dizia sempre a verdade e não invejava ninguém. Em sua presença jamais se podia — mesmo brincando*

— *falar mal dos outros ou atribuir-lhes nomes injuriosos, porque sempre os defendia. Tinha uma inteligência viva e boa memória. Vestia-se modestamente e sempre estava contente com o que tinha*”. Tinha a nobreza de caráter e sua profunda vida religiosa encorajava os companheiros e os levava a imitá-lo: *“Tinha, de modo especial, uma grande piedade e gostava muitíssimo de apresentar-se diante do Senhor na igreja para rezar e meditar continuamente. Era de confissão e comunhão freqüentes. Vinha sempre à igreja do seminário antes do café da manhã, para depois ir com os seminaristas para a escola. Lia muitos livros religiosos... Nunca o vi irado. Era sempre gentil no falar e no agir. Não é de se estranhar, pois, que nós, seus colegas, o respeitássemos e o amássemos muito, como também os professores, de modo especial o padre Mykhajlo Seminev, o catequista do ginásio, o reitor do seminário”*.

Sacerdote de Cristo

Neste tempo amadureceu nele a vocação sacerdotal e manifestou o desejo de dedicar-se plenamente ao serviço de Deus. Depois de alguns anos no Seminário de Stanislaviv, em 1903, o Beato Hryhorij Khomysyn, bispo de Stanislaviv, envia-o para completar os estudos em Roma onde viveu sete anos no Colégio Ucrâniano, dedicando-se ao estudo sistemático das matérias filosóficas e teológicas. Regressa para a Ucrânia, onde no dia 2 de outubro recebe a ordenação sacerdotal das mãos do bispo Khomysyn. Retorna depois a Roma para completar os estudos e doutorar-se em teologia. No outono de 1910 retorna a Stanislaviv e começa a ensinar filosofia e teologia no seminário local. Ao mesmo tempo assume o ofício de diretor espiritual do seminário, trabalhando intensamente pela santificação de sua alma e das almas confiadas ao seu cuidado. Nesta época ele se torna, sem exagero algum, um exemplo vivo e excelente de humildade e de ascese cristãs, de grande amor ao próximo, quer sejam seminaristas ou

professores. Como diretor espiritual ministrava semanalmente uma palestra de ascética, onde se distinguia pela clareza de exposição e manifestava suas profundas convicções. Suas palavras vinham carregadas da santidade de seu exemplo de vida. Sua piedade falava mais do que todos os pontos de reflexão que apresentava cada dia. Não é de se estranhar que fosse considerado por todos como *“homem de Deus”*. O espírito de oração e de ascese que o circundava criava no seminário uma atmosfera de vida sobrenatural. Um visitante do seminário assim a descreve: *“Em 1911 passei do rito latino para o bizantino. Depois de minha primeira Santa Liturgia no rito bizantino fui para Stanislaviv. Aí dei meus parabéns ao reitor do seminário por causa da boa ordem no seminário e do alto nível de espiritualidade entre os seminaristas. O reitor respondeu-me que tudo isto era mérito do espiritual do seminário, padre Nicolau. E acrescentou: ‘Ele é um verdadeiro e magnífico asceta’.* Fui até ao quarto do padre Nicolau e perguntei-lhe como conseguia dirigir os seminaristas neste caminho esplêndido: *‘Com a devoção ao Sagrado Coração. Nosso Senhor prometeu abençoar todas as iniciativas de seus servos devotos’*”. Como recorda o padre Atanásio Tymkiv, o padre Nicolau tinha uma grande piedade eucarística: *“fazia, de forma esplêndida, a ação de graças depois da missa, fazia as horas de adoração e nutria-se da santíssima Eucaristia”*.

No verão de 1914 explodiu a primeira guerra mundial. A proximidade do palco da guerra causou a suspensão das atividades no Seminário de Stanislaviv. Por causa da guerra e da proximidade das frentes de batalha muitas paróquias ficaram sem padres. Padre Nicolau, que permanecera em Stanislaviv, começou a visitar – normalmente a pé – os povoados vizinhos e prestar-lhes ajuda espiritual. O senhor Vasyl’ Arkhytka assim escreve a respeito do trabalho apostólico de nosso beato: *“Com o início da primeira guerra mundial o padre Nicolau permaneceu em Stanislaviv. Viajava, com frequência,*

para as paróquias vizinhas, substituindo os sacerdotes locais. Não deixava de visitar os doentes de tifo, arriscando-se em sua saúde. De fato, contraiu a doença e tinha febre altíssima chegando ao ponto de perder os sentidos. Mais vezes o ataque de febre fazia-o ficar de pé, num pulo. Passado o ataque, não se lembrava de nada”. Com o deslocamento do terreno das hostilidades mais para o este, o seminário de Stanislaviv retornou às suas atividades e o padre Nicolau continuou a exercer, com seu zelo típico, suas funções de professor e espiritual.

Redentorista para os mais abandonados

O coração do padre Nicolau sentia um ímpeto que o impelia para o desejo do martírio e à vida missionária. Em 1918, quando dois redentoristas, padres Schveiers e Josyf Bala, visitavam o seminário, o padre Nicolau, que já ouvira falar da Congregação dos missionários redentoristas mas não tinha tido oportunidade de conhecê-la mais de perto, decidiu ingressar nela. Neste tempo a Congregação tinha apenas iniciado suas atividades na Galizia. O bispo Khomyshyn, com o coração partido, deu-lhe a permissão, dizendo: *“Eis que os melhores me abandonam”*. Em 1919 o padre Nicolau começou o noviciado na família redentorista. Padre Stefan Bakhtalovskyj relata: *“Havia um bom número de noviços. Pe. Nicolau encorajava e animava a todos com seu exemplo. Cumpria precisa e alegremente todos os deveres, exercícios e trabalhos, mesmo aqueles que não podia. Tudo isto fazia naturalmente, sem traço algum de vanglória. Não se distinguia dos outros senão no grande zelo e humildade”*. Todos se maravilhavam de suas virtudes: *“Praticava incessantemente todas as virtudes, normalmente de modo extraordinário. Não obstante tivesse um temperamento vivaz, cheio de ímpeto, levava uma vida quase angélica”*. Lembrando este tempo de noviciado, o padre Hryhorij Shytkovych, escreve: *“O padre Nicolau contentava-se com as mobílias mais simples do quarto... Ele, o doutor de teologia e*

professor, cumpria todos os deveres e obrigações como todo noviço. Naquela época padecia de tentações a respeito de sua vocação, mas as suportava com paciência e com a graça de Deus, sem que elas o conturbassem o espírito, e conseguia superá-las. Foi sempre alegre, gentil e humilde: um noviço zeloso. Nunca demonstrou descontentamento com os superiores”.

Descrivendo a heróica vida religiosa e sacerdotal do padre Nicolau, o padre R. Kostenobl observa: *“Em toda parte passava por um religioso e missionário santo. Também na congregação foi considerado homem de Deus, cheio de caridade para com Deus e as almas. Nunca percebi que tivesse alguma dificuldade com algum padre ou irmão da Congregação e jamais ouvi dele alguma crítica referente a este ou àquele confrade. O bom padre foi um modelo para toda a congregação. Observava as Regras no seu mínimo detalhe. Não deixava de lado nenhum exercício prescrito pelas Regras. Observava tudo, acurada e perfeitamente. As orações matutinas, o exame particular, a recepção constante dos sacramentos, o breviário, as reflexões, a ação de graças após a missa, a conferência semanal, leituras espirituais etc. – uma regra viva. Um santo digno de maravilha! Um religioso perfeito – sacerdote e apóstolo”.*

No relatório da Visita Canônica feita pelo superior da província Redentorista da Bélgica, lemos: *“Doutorando-se em Roma, é muito respeitado pelo clero e bispos. É um verdadeiro modelo de obediência e de simplicidade redentorista, completamente impregnado do espírito redentorista e afonsiano. Ama e venera Santo Afonso, lê sem trégua e começa a traduzir os escritos ascéticos do Santo. ‘Todos estes escritos — diz ele — são indispensáveis ao nosso povo.’ É sócio dos noviços coristas e será o confessor desejável para os noviços e juvenistas. Prega com prazer aos sacerdotes, aos monges e irmãs”.*

A primeira guerra mundial

Chegaram para a Ucrânia os dias sanguinolentos. A pri-

meira guerra mundial fez com que metade das terras ucranianas passasse para o domínio polonês, a saber: Galizia, Volyn', Pidljashja e Kholmshchyna. Aí, ainda de 1825 a 1855 o Czar Nicolau I estabeleceu a Igreja Ortodoxa, de feição moscovita.

Com o desejo de trabalhar pelo restabelecimento da unidade dos cristãos e pela renovação e conversão do povo que estava muito desanimado, os missionários redentoristas abriram, em 1926, em Kovel' (Volyn') uma casa missionária. Padre Nicolau, ardente em zelo, foi transferido para aí, para conduzir o trabalho. Durante algum tempo, à paisana, passava de um povoado ao outro, para conhecer por dentro a vida religiosa da Igreja Ortodoxa na Polônia. Convidado pelo cônego Schuman da Luts'k visitou um grande número de povoados e cidades da região ao redor. De início dirigiu-se à cidade de Kostopil' onde os fiéis greco-católicos corriam o perigo de passar para o cisma. Aí celebra a Divina Liturgia, administra os sacramentos, ouve as confissões e prega. Procura converter os ortodoxos, cuja igreja dominava naquele tempo o território de sua missão. Alguns dos ortodoxos diziam assim: *“Nosso pároco não pregava mais. Fazia já trinta anos que era pároco”*. Depois se deslocou para Kremenets' na esperança de fundar aí uma estação missionária temporária. Conseguiu entrar nos problemas do povo e estabelecer relações com os fiéis. *“Nunca saiu de sua boca uma palavra ofensiva, uma crítica, ou uma contestação. Nunca manifestou visivelmente uma postura hostil de não perdoar os que dificultavam seu trabalho apostólico. Quando se tratava dos ortodoxos convertidos ao catolicismo que era preciso defender contra as calúnias que lhes faziam, eles não os deixava sós, ficando com eles o tempo necessário para apoiá-los, aconselhá-los em meio aos insultos que sofriam de todas as partes. Sua vida pobre, entre o povo pobre junto a quem morava, foi deveras surpreendente. De retorno ao convento, depois de uma missão num vilarejo pobre, quase sempre se podia notar nele ausência de força física, uma grande fraqueza que o*

deprimia. Nunca, porém, comportou-se como um pessimista ou desesperado. Antes, no exercício das virtudes da perseverança, da obediência, humildade e fortaleza, sustentava sua pequena comunidade religiosa. É preciso de fato ter todas as virtudes para viver à maneira do padre Nicolau.”

De espírito erudito e ao mesmo tempo simples, permeado da espiritualidade dos padres orientais, vivida com toda adesão interior, atraía os crentes e conquistava novas almas a Cristo e à Igreja Apostólica. Padre Nicolau conseguiu obter o reconhecimento inclusive por parte do clero ortodoxo. Depois de ter aberto a Igreja e a casa religiosa começou a trajar, à modo dos orientais, o hábito monástico de tradição oriental e na Liturgia dava muito valor à pureza do rito oriental, “*pelo bem da Igreja, pelo movimento em vista de uma união completa e total...*” Homem de grande zelo missionário pela unidade da Igreja, jamais deixou passar uma oportunidade para ensinar e comunicar este zelo apostólico a muitos outros de sua proximidade. “*Era um homem de grande espírito com o coração pleno da chama ardente pela unidade... O peso de tantas obras que para os outros pareciam impossíveis, ele as carregava sobre os ombros, na esperança de poder conseguir realizá-las.*”

Bispo e Visitador Apostólico

Levando em consideração este serviço de dedicação total do Beato, Pio XII nomeou-o bispo titular de Lebed e Visitador Apostólico para os ucranianos católicos da região de Volyn’ e Polissja. Foi consagrado bispo na igreja de Santo Afonso, em Roma, no dia 8 de fevereiro de 1931. Presidiu a cerimônia o bispo da eparquia de Stanislaviv, o beato Hryhorij Khomysyn. Sua nomeação foi recebida com muita alegria, não só pelos greco-católicos de Volyn’ e Polissja, mas também pelos ortodoxos e pelos fiéis de outras confissões. Eis como o padre Zenon Kalenjuk descreve em carta ao metropolitano Andrij

Septyckyj as boas-vindas dadas ao novo Bispo: *“Sua excelência, o bispo Nicolau, com os hábitos episcopais orientais, tem um aspecto muito sério e inspira confiança às pessoas em toda sua figura. Em Kurashiv, os ortodoxos queriam beijar-lhe os pés! No dia 14 de maio sua excelência chegou de Pinsk, com o trem das vinte horas e vinte minutos. O bispo Losinskyj, mais alguns cônegos e muitos fiéis foram-lhe ao encontro na estação. Alguns gritavam: ‘Viva o Visitador Apostólico!’... Agradecemos a Deus este bom bispo!”*. No dia 18 de fevereiro de 1931, o mesmo sacerdote que conhecera sua Excelência nos tempos de estudos em Roma, narra assim suas impressões: *“Agradecemos a Deus! Porque já temos nosso bispo, e bispo sábio, discreto, com o todo o coração dedicado ao Senhor: padre Nicolau! Não se poderia ter escolhido alguém melhor! Eu o conheço muito bem, pois foi meu colega de estudos de teologia em Roma e estou convencido de que o Senhor realizará grandes coisas através dele!”* A população hebraica de um lugar perto de Pinsk (vilarejo Deljatych) organizou uma recepção simplesmente triunfal ao humilde bispo. Sob o arco triunfal, adornado pela estrela de Davi com as bielorrussas e com estandartes apostólicos, havia uma esplêndida inscrição, em hebraico: *“Viva o Bispo Nicolau”*. Muitos colocavam diante de suas casas mesas com os santos ícones, pão e sal. O bispo aproximava-se de cada mesa, benzia e beijava o pão, concedendo-lhes ao mesmo tempo a bênção apostólica.

Em sua atividade pastoral o Bispo não encontrou só recepções solenes, mas também grandes obstáculos e dificuldades. Sabedor das dificuldades que o esperavam na difícil missão da difusão das idéias uniatas em meio à população de Volyn’, o beato depositou toda sua esperança na providência de Deus e na intercessão da santíssima Virgem. Eis como ele mesmo escreve ao padre Kalenjuk: *“Sei o que me espera, mas ponho minha confiança em Deus e no socorro da Mãe de Deus”*.

O começo da perseguição

O primeiro bispo redentorista ucraniano foi perseguido desde o começo de sua atividade pastoral. Já em 1939, durante o tempo da primeira ocupação bolchevista, os missionários redentoristas foram expulsos de Volyn' e com eles o bispo Nicolau, que se transferiu para o convento à rua Zyblykevyc, em Lviv. Não obstante o fato de que uma parte dos redentoristas, de modo especial os estudantes da vice-província fosse transferida para Tukhiv, o bispo Nicolau permaneceu em Lviv. Decidiu sofrer com seu povo e não abandoná-lo. Para ganhar a vida viu-se obrigado ao trabalho físico (quebrar pedras na rua), mas não deixou de lado seus deveres de pastor, confessando e celebrando secretamente a missa. Sua situação tornou-se pior ainda quando, em 1941, chegaram os alemães. Estes não só o proibiram de trabalhar em Volyn', mas obrigaram-no a trabalhar fisicamente em Lviv.

Em 1941, apenas restabelecidas as atividades da Academia Teológica de Lviv, em 1941, o beato Nicolau tornou-se um de seus professores e ensinava algumas matérias filosóficas, psicologia e teologia moral. Eis o que dizem de suas atividades os estudantes de então: *“De quando em quando nós, estudantes de teologia, lhe púnhamos algumas questões referentes a coisas diversas. Ele respondia sempre com tranqüilidade, inserindo em seus argumentos citações das Escrituras e exemplos da vida dos santos... Seu modo de se exprimir foi sempre tão convincente que depois de suas explicações não mais ficavam dúvidas. Isto principalmente porque estávamos convencidos de que ele não só explicava a verdade divina, mas vivia de acordo com ela”*. Outro estudante, o padre Roman Muzyck, assim descreve sua impressão do bispo Nicolau: *“O memorável confessor da fé de Cristo e de sua santa Igreja, sua excelência Nicolau, pertencia às pessoas de grande espírito. Logo nos primeiros dias de suas aulas notamos que sua excelência era todo bondade. As características de sua alma saltavam aos olhos. Estas*

características, ou melhor virtudes, consistiam uma grandiosíssima bondade unida à grande gentileza e simplicidade de alma e de mente. Esta é a razão do grande amor que os estudantes lhe devotavam, tanto que eles o chamavam de 'vô'. Esta gentileza se manifestava nas conversas, nas aulas, e de modo especial durante a missa episcopal. Logo depois de cada aula, nós nos aproximávamos dele, como filhos em redor do pai e perguntávamos sobre o tema da aula ou sobre a situação internacional, então muito grave. Notava-se nele uma profunda humildade e ausência de pretensões. Ele praticava heroicamente as virtudes teologais da fé, esperança e do amor para com Deus e o próximo. Pudemos perceber isto de modo especial nos momentos críticos da primeira metade de 1944, quando o fronte da guerra se avizinhava pouco a pouco e assim sobre nós caía o fantasma da realidade soviética com espantoso terror. Além disso, os bombardeios aumentavam sua intensidade sobre Lviv e duas pesadas bombas caíram sobre nosso seminário, destruindo-o. Em meio a toda esta confusão e inquietação devidas à guerra, sua excelência, o servo de Deus Nicolau, conservava uma grande tranqüilidade e serenidade de espírito, vendo todas estas desgraças e calamidades em espírito de uma fé muito viva e comunicando-o de certa forma também a nós". Quando fora ribombavam as bombas que explodiam na cidade, alguns seminaristas eram tomados de terror. Sua excelência, percebendo isto, dirigia-se a eles e com voz tranqüila, dizia: "Acaso vocês não querem esconder-se no refúgio? Façam isto! Mas não tenham medo, todos estamos nas mãos de Deus". De acordo com os estudantes, Nicolau foi "o homem da oração". Parecia estar sempre imerso na oração, mesmo quando passava pelas ruas barulhentas de Lviv. Sua tranqüilidade interna, alicerçada numa sadia e firme fé na providência de Deus, sua humildade profunda e espírito de oração, fizeram com que os estudantes o considerassem um santo. Como eles mesmo afirmavam, o bispo Nicolau foi para eles o melhor exemplo de religioso, o modelo a ser imitado.

Preso pelos soviéticos

Com a entrada dos soviéticos e sua segunda ocupação de toda a região da Galizia, em 1944, teve início o longo e sofrido Calvário de nossa Igreja-mártir, a começar de seu episcopado, inclusive sua excelência Nicolau. De fato, toda a hierarquia eclesiástica greco-católica foi presa. Os fiéis greco-católicos foram praticamente obrigados a passar para a Igreja Ortodoxa, de feição moscovita.

Conhecemos as circunstâncias da prisão do Beato, através da descrição detalhada do superior dos missionários redentoristas na Ucrânia, o padre Josef De Vocht. Assim relata ele: *“No dia 11 de abril de 1945, às vinte horas, seis agentes da GPU bateram à porta do convento dos redentoristas. Um deles me perguntou: quem mora aqui? Disse-lhe alguns nomes dos moradores da casa. Quando ouviram o sobrenome Carnetckyj (sobrenome do bispo Nicolau) interromperam-me imediatamente, quase aos gritos: Ele está aqui? E ordenaram-me levá-los até ele imediatamente. Quando bati à sua porta, sua excelência respondeu com a saudação ‘seja louvado Jesus Cristo!’ Abrindo a porta lhe disse: ‘há hóspedes para o senhor’. Empurrando-me violentamente aquele repugnante bando invadiu o quarto do bispo, fechando a porta. Quando o bispo Nicolau se levantou, dando um passo para trás, um agente o agarrou com medo que tivesse alguma arma... Dois deles vigiavam a porta, enquanto o comandante fazia uma investigação no quarto: destruíam os ícones. Revistaram a cama, as gavetas. Transferiram o conteúdo do cesto de lixo para um saco. Conferiram muito bem os livros. Talvez esperassem encontrar tesouros preciosos junto ao pobre bispo. Levaram embora os cálices, os relicários, a cruz e o anel episcopal... Depois iniciaram um interrogatório que foi longe. Eram 22h45min, quando monsenhor teve de explicar porque tinha em seu quarto uma chave encontrada pelo agente. Era a chave da biblioteca e a tinha porque fazia muito uso dos livros. O agente ordenou-lhe que mostrasse onde era a biblioteca. Nela sua Excelência tinha as indumentárias episco-*

pais e outras vestes. Quando regressou a seu quarto, acompanhado dos agentes de polícia, armados, o comandante lhe disse que era hora de partir. Sem fazer qualquer resistência, Nicolau despediu-se de seus confrades com grande emoção. Na porta de seu quarto o bispo pediu ao Pe. De Vocht (superior provincial) que lhe desse a última absolvição. Diante da porta do convento esperava-o um furgão preto, onde foi colocado o bispo Nicolau. A separação do bispo de seus confrades foi muito dolorosa. A uma ordem do comandante todos os confrades tiveram que retornar para seus quartos. Somente um, o mais jovem, irmão Majik, devia ficar com o comandante. Ele viu como os agentes transportaram os cálices, as vestes episcopais etc. Devia então assinar o documento que estava formulado assim: 'No dia 11 de abril de 1945, às 11 da noite, Carneckyj Mykola (Nicolau) foi preso pelos agentes da NKVD, de acordo com as prescrições de procedimento ordinário e sem fazer uso de violência'. E por fim lacraram a porta do quarto do bispo e da biblioteca. Depois todos os vinte e seis agentes da NKVD foram embora (vinte agentes vigiavam o convento durante esta tragédia)''.

O processo injusto e a condenação a trabalhos forçados

Desde então o nosso bispo tornou-se a vítima do terror soviético. Junto com outros nossos bispos foi preso e processado pelo tribunal soviético que o incriminou de “*colaboração com o regime nazista*”, a saber, com o regime que não lhe permitiu exercer nem por um momento seu trabalho pastoral de bispo greco-católico de Volyn’. Além disso foi acusado de ser “*agente do Vaticano*”.

No edifício da NKDV (abreviatura da sigla que indicava o serviço secreto de segurança do estado soviético) — o Comissariado Popular para Assuntos Internos), à rua Lonts’kyj, sofreu muitas torturas. Acordavam-no e faziam-no levantar à noite, interrogavam-no, batiam-lhe, e assim repeti-

das vezes. A fase de instrução do processo teve, no entanto, um êxito inesperado e imprevisível. Por causa da humildade sobrenatural do Beato, o carrasco converteu-se ao cristianismo, pediu perdão à sua vítima e confessou-se humildemente diante do prisioneiro, reconhecendo seus pecados. Sua Excelência não só lhe administrou o sacramento da Penitência mas o abraçou e lhe deu o ósculo do perdão.

Depois da fase de instrução do processo nosso bispo foi transferido para Kyiv, na espera do processo, e lá, junto com o metropolitano Josyp Slipyj, e com os bispos Budka e Khomysyn, com o padre Verhun e outros ainda, ficou durante todo o tempo sob contínuas humilhações e torturas. E eis finalmente o veredicto do tribunal: Sua Excelência, o bispo Nicolau, é condenado a cinco anos de detenção nos campos de trabalhos forçados. No campo aproximou-se dele um provocador que lhe fazia perguntas ambíguas colhendo do Beato a resposta de modo franco e sincero. Este provocador portou-se como um renegado que testemunhou diante do tribunal, revelando que Nicolau era o visitador apostólico do rito bizantino em Volyn'. Por causa disto foram-lhe acrescentados mais 10 anos de campo, porque *“agente do Vaticano”*. O Pe. De Vocht acrescenta: *“Este homem humilde foi chamado de agente do Vaticano, um politiquero! No mais os próprios agentes da NKVD, que faziam guarda aos nossos confrades encarcerados em Lviv, falando do bispo Nicolau, repetiam sempre dizendo que ele era um homem santo.*

O detento consolador

De início o bispo Nicolau e o metropolitano Slipyj foram mandados para uma pequena cidade siberiana de Marijins'k onde estavam os campos de concentração. A respeito do tratamento que as autoridades soviéticas lhe davam, assim diz o padre Roman Musycka: *“Os soviéticos e também a direção do campo consideravam-nos como ‘grandes inimigos do povo’ e assim são aos*

piores campos onde eram tratados de forma pior que os demais. E quanto mais era a dignidade do eclesiástico, por exemplo bispo ou metropolitano, tanto pior os tratavam”. Nos campos os prisioneiros eram vigiados de forma muito severa. Muitas vezes eram acordados durante a noite e convocados a interrogatórios, acompanhados de torturas. Deviam fazer os trabalhos pesados; a alimentação era muito escassa e quase não tinham contatos com os familiares, através do correio.

Não obstante os sofrimentos físicos e morais que teve de suportar desde o primeiro instante de sua detenção, o Beato sempre tinha uma palavra de conforto para seus colegas de prisão e procurava sustentá-los espiritualmente. Um de seus companheiros de prisão, o dr. Antin Knjazyn'skyj, assim fala dele: *“Sua excelência, o bispo Nicolau, era do tipo dos confessores sempre prontos a testemunhar, mesmo com o próprio sangue, o amor pelo Senhor e a fidelidade a seus mandamentos... Isto aconteceu... num dos campos do sistema Siblaj, vizinho à cidade de Marijins'k, na região de Kemerovo, que tinha o mesmo nome da cidade em que se encontrava. Os prisioneiros que saíam da barraca eram em sua maioria anciãos e dentre eles dois ou três tinham barbas, por isso eram padres. O médico do hospital declarou ser nosso bispo incapaz para o trabalho... Depois de repousar um pouco, o bispo não ficava dentro da barraca, mas girava por todo o campo em busca de pessoas mais miseráveis e humilhadas do que ele. ‘Dentro de pouco tempo as coisas melhorarão, tenho certeza. O Senhor não pode permitir isto por muito tempo. É preciso crer, porque a fé faz milagres!’”. E citava, com profunda convicção, trechos da Sagrada Escritura, procurando animar a todos e convidando-os a compartilhar com eles esta convicção que ‘é preciso que assim aconteça’. Foi uma pessoa de tal valor que logo tornou-se indispensável a todos. Conhecia todos pelo nome e cognome e sabia valorizar cada pessoa. Não era nada estranho que a seu redor estivessem sempre os mais desgraçados e cada um deles encontrava nele palavras de conforto e encorajamento... Alguns de nós, o bispo Nicolau,*

como também eu, fomos transferidos para um outro campo: Orlovo Rozovo... Aí a vida foi mais complicada que no anterior, por isso o bispo Nicolau teve um campo mais vasto para seu apostolado de consolador de almas. Aí, com mais freqüência, eu o via dividir com os necessitados o pouco que recebia de seus amigos... Nós, prisioneiros, pensávamos que o bispo Nicolau não viveria muito tempo, mas deveria ainda beber até a última gota seu cálice de mártir..."

“Na União Soviética os prisioneiros eram normalmente transferidos de um campo para o outro. E a pé. E em geral acompanhados de bastonadas dos guardas. Somente os mais fracos e pobres de forças físicas podiam ser transportados por carroças puxadas a cavalo. Podemos imaginar quantos deles morreram nestas transferências! Assim, em fevereiro de 1947, o bispo foi transferido para o campo de regime severo de detenção em Vorkuta, onde, junto com o metropolitano J. Slipyj, teve de enfrentar um pesado trabalho físico numa forja.” *Este trabalho físico pesado na oficina de ferreiro fez com que seu estado de saúde piorasse tanto que adoeceu irremediavelmente, e já não mais podia ficar em pé. Por causa disto foi libertado da prisão. Os testemunhas oculares contam que o bispo Nicolau suportava todas essas coisas com paciência, sem lamentar-se, imerso em oração para com aqueles que lhe faziam o mal. Um de seus companheiros de prisão conta que enquanto ele rezava, sua cabeça foi envolta de uma nuvem esplendente e radiante. O dr. Grobauer, seu companheiro de campo, lembra: “Encontrei o bispo Nicolau numa de suas transferências na República Soviética de Komi. Sempre estava procurando manter contato com os que com ele dividiam a mesma sorte. Muitos deles eram da Ucrânia Ocidental, gente que lhe devotava grande estima. Eles iam até ele, ocultamente, para se confessar”.*

Com o passar do tempo sua saúde ia piorando cada vez mais. Durante sua permanência no campo vorkutino, foi obrigado a passar um tempo no hospital do campo, por causa de um contínuo mal-estar. Aí, ocultamente, e bem cedo, antes

ainda do tempo de levantar-se, celebrava a Divina Liturgia. E mesmo dentro de condições de rigoroso controle, o Beato conseguiu manter correspondência secreta com seu superior de Congregação, o padre De Vocht. Sempre baseados no testemunho do dr. Grobauer, o bispo Nicolau esteve em Vorkuta duas vezes: nos anos de 1947-1948 e depois em 1954.

Em 1948, foi mais uma vez transferido para um dos campos de Mordovia. Começou para ele um período de completo desapego de sua pátria, um período de desolação total. O bispo, porém, continuava sua missão sobrenatural na serenidade contínua e em toda ocasião celebrava a Divina Liturgia em seu pequeno leito de madeira. Em 1953, o padre Petro Leoni, jesuíta, o viu ainda em um dos campos de Mordovia. No ano seguinte estava no campo de Vorkuta e nos últimos anos de seu Calvário foi de novo deslocado para Mordovia, onde permaneceu no hospital por causa de sua saúde acentuadamente deteriorada.

De acordo com algumas fontes confiáveis, do tempo de sua prisão em Lviv (abril de 1945) até seu retorno à mesma cidade (1956), nosso beato foi submetido, em diversos cárceres e campos soviéticos, a um total de 600 horas de tortura e de interrogatórios cruéis por parte das autoridades bochevistas e teve a possibilidade de conhecer cerca de trinta campos e prisões. Nos campos, ele confiou plenamente em Deus, com uma paciência heróica, aceitando os sofrimentos físicos e morais causados pelas terríveis condições e pelo tratamento cruel que recebeu: *“...até o momento pela vontade de Deus não chegou ainda minha vez, ainda que por duas vezes já fui reconhecido como inválido e o decreto de 3 de setembro de 1955 refere-se a mim também...”* Para sentir um pouco de alívio em seu grave estado de saúde, dirigiu-se através de carta ao irmão Vasyl Stets, solicitando enviar-lhe alguns remédios.

Um libertado moribundo e reenviado a Lviv

Em 1956 o padre I. Sokol viu-o e diz que nosso Beato estava num estado extremamente grave e que os médicos não lhe davam chance alguma de vida. Era como *“um velho sem forças e extremamente exausto”*. Já lhe tinham preparado as vestes para a morte. Embora seu estado sofresse breves períodos de melhora, sua saúde, no entanto, estava completamente destruída e as autoridades dos campos consideravam-no um doente irrecuperável. Por isso decidiram reenviá-lo a Lviv, para não levantar suspeita de que o regime soviético fosse culpado pela morte deste gigante do espírito. Sua excelência Nicolau, quando de sua libertação, estava tão doente que não conseguia andar. E mesmo permanecendo no leito, não conseguia celebrar a santa Missa. Por isso não o mandaram sozinho, mas enviaram junto o padre Shypitka, C.Ss.R., e um outro prisioneiro. Também estes dois foram libertados.

O bispo Nicolau voltou para Lviv em 1956. Os padres redentoristas Dmukhovskij e B. Repetylo e outros vieram até à estação ferroviária para se encontrar com seu bispo. As irmãs da Misericórdia de São Vicente, testemunhas de seu retorno, recordam: *“Nossos sacerdotes trouxeram-no da estação para a rua Ohienko, onde moravam vinte irmãs. Quando ele entrou, fez-se um silêncio geral. Seu aspecto era de inspirar piedade: emagrecido, apenas pele e osso. Quando as irmãs viram-no assim, magro, apoiado numa bengala, começaram a chorar. Ele, no entanto, lhes disse: ‘Não chorem, minhas filhas. Antes vamos à capela e cantemos um Te Deum em agradecimento ao Senhor!’”*

O beato, por causa de sua frágil e deteriorada saúde (por três vezes contraiu hepatite, para não falar de outras numerosas doenças), teve que ser internado num hospital. Todos pensavam que não resistiria por muito tempo, mas o Senhor quis prolongar ainda os anos de sua vida, uma vez que um pai espiritual como ele era necessário para os fiéis da Igreja greco-

católica ucraniana. Eis como sua excelência Vasyl Velychkovskij, respondendo à carta de pedido do padre Mykhajil Hrynychshayn, recorda estes tempos: *“Respondendo à sua carta de 27.10.61, gostaria de dizer um pouco daquilo que deseja saber a respeito de seu falecido tio Nicolau. Em 1955 (ou 1956) trouxeram-no aqui, em Lviv, de uma residência longínqua, irremediavelmente doente, depois de ter por três vezes padecido de icterícia, etc. Teve de ser internado imediatamente. E, depois de certo tempo aqui, foi curado de forma miraculosa e foi morar com um dos irmãos. Num quatinho solitário, como numa cela, rezava e lia, tendo como único divertimento a visita dos velhos amigos”.*

Em Lviv o Beato morou junto com o irmão Klymentij, C.Ss.R., na rua Vechirnia 7, onde esteve sob os cuidados de seus confrades e das irmãs da Misericórdia. Aqui continuava seu apostolado na oração e na paciência. Tudo suportava com firmeza, abandonado-se completamente nas mãos de Deus, vendo em tudo a obra visível da Providência Divina e experimentando sua proteção especial. Aqueles que o visitaram dizem tê-lo visto algumas vezes em êxtase sobrenatural.

Depois de seu retorno a Lviv, embora gravemente enfermo, Nicolau continuou fiel à sua missão de bom pastor. Encorajava seus confrades, preparava os candidatos ao sacerdócio e ordenou mais de dez sacerdotes. A imprensa bolchevista confirma isto através da revista bolchevista *A juventude Ucraniana*, de 11 de setembro de 1964, que trazia informações a respeito das novas perseguições de fiéis na Ucrânia e sobre os processos contra eles. Entre outras, relatava assim a prisão do padre Mykhajlo Vynnytskyj: o antigo noviço do convento de Zboiska que prestou serviço militar no exército soviético e depois foi preso e condenado pelo tribunal militar, depois da prisão retornou a Lviv, onde entrou em contato com o bispo católico ucraniano Nicolau. Ordenado sacerdote começou a celebrar as missas, confessar e realizar outros servi-

ços sacerdotais. Dizem que também procurava candidatos ao sacerdócio, ajudando-os em sua formação teológica, dando-lhes a devida literatura. O bispo Nicolau e o padre Khmelevskyj, que naquele tempo já tinham sido mortos pelos agentes da KGB, estavam ligados à preparação dos candidatos ao sacerdócio”.

A última doença e a morte dolorosa

A saúde do Beato, destruída nos cárceres e campos, nunca foi mais a mesma. A “cura miraculosa” de que falava o bispo Velyckovskyj não foi duradoura. Os longos anos de prisão bolchevista, as humilhações que foi obrigado a suportar, tinham exaurido as forças de seu organismo que poderia ter resistido até os 90 anos, se não fossem tantas injúrias cruéis. O bispo tornou-se como *“um esqueleto vivo, uma sombra humana, com sua boca contorcida, a barba completamente branca, e com suas olheiras onde se viam dois negros olhos. Tudo, porém, indicava nele uma grande paciência. Mesmo nesta situação, o bispo conservava uma serenidade de espírito, como se tudo fosse permeado de uma doce paz. Normalmente havia nele algo de não terreno, uma certa qualidade celestial”*.

Depois de dois anos apareceu um câncer no duodeno. De novo foi internado num hospital onde as irmãs da Misericórdia de São Vicente cuidaram dele. Como logo depois seu estado se agravasse, o irmão Cosma Krotscak, levou-o para sua casa. Morreu no dia 2 de abril de 1959. O bispo Velyckovskyj descreve sua morte assim: *“... Nosso tio Nicolau passou para a casa da eternidade, feliz, tranqüilo, abençoando a todos”*. Suas últimas palavras foram uma invocação a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a quem sempre nutrira grande confiança filial.

Não resta dúvida de que a morte do bispo foi por causa das injúrias e dos sofrimentos durante os muitos anos nos cár-

ceres e campos soviéticos. Irmã Onysyma (Maria Rymyk), que nos tempos das catacumbas trabalhava como enfermeira no terceiro hospital municipal de Lviv (hoje hospital Metropolitana Andrij Septyckyj), conheceu pessoalmente o Beato e cuidou dele depois de seu retorno da Sibéria. Ela estava presente quando ele foi internado para uma intervenção cirúrgica. Ela diz: *“Pedi ao doutor Koslov – que era um cirurgião afamado – para visitá-lo. Ele, depois da visita, disse: ‘É necessário uma cirurgia!’ Logo trouxeram-no para o hospital. Durante a cirurgia eu estava perto dele, porque trabalhava como enfermeira cirúrgica na sala de operações. Quando abriram-lhe o abdômen, constataram presença de cirrose no fígado (e câncer) no duodeno. Perceberam que não se podia fazer mais nada. E por isso fecharam o abdômen. Depois da cirurgia estava sentada a seu lado. Foi pouco exigente e tão modesto. Seu rosto estava pleno de claridade... Depois da operação o levamos para casa em Kulparkiv. Aí morava o irmão Kosma. E de tempo em tempo vinha para vê-lo como estava. Era pouco exigente, modesto, não fazia outra coisa senão rezar e assim o abraçou a morte. Não era passado muito tempo da operação, talvez duas semanas”.*

À pergunta se ela, como enfermeira, julgava que as doenças do bispo tinham sido resultado das tribulações sofridas durante o tempo das perseguições, ela respondeu: *“Sim. Só por isto. Ele ficou doente porque foi espancado no cárcere”.* Isto foi expresso pelo próprio bispo à superiora das irmãs da Misericórdia, que depois comentou com outras irmãs. À pergunta: *“você julga ser ele um mártir?”*, a irmã Onysyma respondeu: *“Sim. Ele é um mártir, um confessor da fé. Em primeiro lugar, um confessor da fé e em segundo, um mártir. Sofreu assim porque tinha passado por tantos suplícios”.* Meditando sobre a vida de Cristo, o beato Nicolau se preparava para o martírio da fé. Em referência a isto foi significativo um fato sucedido durante sua ordenação episcopal, em Roma: A mitra que lhe foi posta na cabeça, escorregou e caiu no chão logo depois. Os presentes considera-

ram o fato como um sinal funesto. O bispo, porém, disse aos que lhe estavam próximos: *“Quem sabe também eu perderei a cabeça, como São Josafá!”*. O Senhor, porém, não lhe reservou o martírio cruento, mas anos de perseguições e de grandes sofrimentos nos campos comunistas que para ele foram equivalentes a um verdadeiro martírio cruento.

No próprio quarto onde morreu foi revestido do hábito, com o rosário redentorista ao lado, do manto purpúreo, omophorin e mitra, e nas mãos um pequeno crucifixo e o rosário. Ao redor do seu leito havia muitas flores e os fiéis não deixavam de vir e rezar junto a seu corpo. Cobriam de beijos seu corpo e as vestes, chamando-o de *“nosso santo mártir”*.

Seus funerais foram realizados no dia 4 de abril de 1959. Às 15h30min foi celebrada a Liturgia no rito bizantino no quarto onde se achava. Depois, um velho sacerdote do rito latino conduziu a procissão fúnebre até o cemitério de Kul’parkiv. Os fiéis carregaram o caixão ao cemitério, onde mais uma vez foi aberto para o solene rito do *“último beijo”* e a súplica pelo defunto. Um sacerdote polaco cantou a *“Salve, Regina”*. Todos choravam, pois o beato tinha conquistado o amor de todos. A descrição dos funerais, conservada nos arquivos da Província Redentorista de Yorkton, termina com as seguintes palavras: *“Cremos que chegará o dia em que será canonizado, por foi de fato um bispo santo”*. O padre Van de Malle, que viveu por muito tempo com o Beato em Volyn’ e que foi superior em Kovel, acrescenta: *“A santa Igreja julgará se sua excelência Nicolau, que durante estes vinte anos de vida nos campos de concentração bolchevistas suportou toda sorte de perseguição, com tanta heróica paciência, pode ser proclamado mártir da fé católica. Antes, porém, ele já goza da glória dos santos: um sacerdote santo, um redentorista santo”*. O padre Hr. Shyshkovyc, por sua vez, assim se expressava numa carta ao Pe. Ryszard Kostenobl: *“A morte de sua excelência Nicolau não me causou tristeza alguma por-*

que esta morte é para nós um grande benefício. Sofreu muito no corpo e mais ainda na alma (literalmente, no próprio coração). Agora é feliz. Quanto a nós, temos um grande amigo no céu. Estou convencido de que um dia ele será canonizado”.

Fama de santidade e de martírio

Quando ainda em vida, o Beato deixava uma marca profunda na alma de cada pessoa que tinha a possibilidade de encontrar-se com ele. *“Conheço muitos homens piedosos, muitas pessoas exemplares entre os confrades do passado e de hoje, mas nunca me veio em mente pensar de alguém em particular: ‘ele é um santo’... Quanto ao Bispo Nicolau, porém, sempre pensei: ‘ele é um santo’.”* A mesma impressão teve o padre Josaphat Jeen, redentorista, quando de sua visita ao Seminário de Stanislaviv, em 1911. Ficou profundamente impressionado com o trabalho e com a personalidade do beato Nicolau: *“De fato, não só mereceu a coroa do martírio, mas é também um confessor da fé. Porque tudo o que li a seu respeito, tudo o que vi e senti quando o encontrei em Stanislaviv, em 1944, é suficiente para confirmar que ele viveu as virtudes teológicas e morais em grau heróico e até sua morte”.*

Também dele fala o padre Mykhajlo Olenchuk que estudara com ele no seminário de Stanislaviv de 1899 a 1904: *“O bispo Nicolau pode ser proclamado beato e até mesmo santo, mesmo sem o processo de canonização, porque seguramente está no céu e entre os santos. Seguramente jamais cometeu um pecado grave”.* Todos que o conheceram sustentam com unanimidade que durante toda sua vida se distinguiu por uma profunda santidade. Por isso não é de estranhar que após sua morte muitos começaram a dirigir-se a ele, pedindo ajuda através de orações.

Esta fama de santidade e de intercessão diante de Deus é testemunhada também por numerosas pessoas que visitaram o bispo, em sua tumba. As pessoas vão freqüentemente ao cemitério onde está seu corpo e pedem-lhe várias graças

através de sua intercessão. Por exemplo, uma mulher que estava a ponto de perder a mão, pegou um pouco de terra de sua tumba, colocou-a diretamente na pele da mão doente e num curto espaço de tempo ficou curada. Daí em diante muitos vêm visitar sua tumba e pegar um pouco de terra e obter a cura. Outra pessoa ficou curada de um câncer no seio. Outra ainda, cega, ficou curada ao passar sobre os olhos um pouco de terra da tumba do bispo. Há muitíssimos casos semelhantes.

Há também pessoas que relatam aparições do bispo nos sonhos de pessoas necessitadas. Por exemplo: um advogado de nacionalidade hebraica, que estivera com o Beato no campo de concentração, adoeceu com um tumor maligno. O beato apareceu-lhe, enquanto dormia e disse-lhe: *“Por que não me vem encontrar?”* O advogado foi até sua tumba, rezou e foi curado. Uma mulher que corria risco de uma cirurgia por causa de uma úlcera, ficou curada milagrosamente por intercessão do bispo Nicolau que apareceu-lhe em sonho e convidou-a a ir até sua tumba. Uma cura miraculosa se deu no dia 20 de agosto de 1998, em Nadvirna. Oksana Stanishevskaja, nascida em 1988, caiu em casa, fraturando o braço. Numa radiografia podia se ver claramente a ruptura e o braço da menina foi engessado. Depois de três semanas tiraram-lhe o gesso, mas o braço ficou dobrado na direção oposta. O médico disse que era preciso uma nova cirurgia complicada, que devia ser feita na capital da região. A tia da menina, que foi testemunha deste fato, depois de tudo isto, retornou à casa com a sobrinha, acendeu as velas e junto com a menina começou a rezar ao beato. A menina estava para dormir, mas logo gritou: *“O bispo Nicolau está corrigindo o braço. Senti a dor no braço”*. Logo depois ela mostrou o braço à tia, completamente endireitado.

Levando em conta o testemunho da vida santa do bispo Nicolau, de modo especial sua perseverança, sua coragem e

fidelidade à Igreja de Cristo, demonstrada particularmente durante a perseguição pela fé por parte do regime comunista, já em 1960 a Conferência Episcopal Católica da Ucrânia decidiu dar início ao processo de beatificação de alguns bispos da Igreja Greco-Católica Ucrâniana, entre eles o bispo Nicolau. Através do pedido do metropolita Maksym Hermaniuk, o Postulador Geral da Congregação Redentorista, padre Ferrante, com um documento de 5 (6?) de abril de 1961 nomeou o padre Mykhail Hrynchyshyn, redentorista, vice-postulador para a Causa da Beatificação do Bispo Nicolau. Ele começou a recolher várias informações sobre graças recebidas por intercessão do bispo. Ao lado da ajuda solicitada e recebida nas necessidades materiais e nas doenças físicas, há também as graças espirituais. Por exemplo, o aprofundamento da vida espiritual e a melhora no relacionamento familiar.

As pessoas vinham e vêm diariamente até sua tumba para por seu intermédio entregar suas orações diante do altar do Altíssimo. Durante os anos de regime soviético, houve tentativas de impedir as pessoas de se aproximarem do túmulo, mas não foi possível parar a ação do Espírito Santo que quis glorificar também na terra a vida deste grande beato.

BEATO METÓDIO DOMINIK TRCKA **(1886 — 1959)**

Sacerdote da Congregação do Santíssimo Redentor

A vida do Beato

“Graças a Deus! — Só com estas palavras podemos exprimir os sentimentos de nossos corações depois de 25 anos de trabalho no campo da igreja greco-católica. Sobretudo nós, que recebemos o rito oriental, agradecendo a Deus por poder celebrar o Santíssimo Sacrifício na forma e na língua com as quais as estrelas do Oriente — São Cirilo e Metódio — vieram às nossas regiões eslavas para proclamar o Cristo. De boa vontade temos trabalhado e trabalhamos no campo eslavo. Com isto manifestamos gratidão para com nossos santos apóstolos.” Estas são as palavras que o Beato Metódio escreveu por ocasião do 25^o. aniversário da chegada dos redentoristas na Eslováquia. Delas podemos logo colher o desejo de empregar as próprias forças, antes a própria vida por Deus, pela sua Igreja e pela unidade, desejos realizados através da mortificação e sofrimentos, aceitos por Deus.

Chamado a trabalhar pela unidade da Igreja

Pe. Metódio nasceu no dia 6 de julho de 1886 em Frödlant nad Ostravicí (atualmente República Checa). Era o último dos sete filhos de Francisca Sterbová e Tomás Trcka. Foi batizado no dia 7 de julho de 1886. Cresceu numa família católica onde recebeu uma boa educação cristã. Uma de suas irmãs (Ângela) tornou-se religiosa.

De início Metódio freqüentou a escola elementar em FrΩdlant e depois de completar os estudos primários, passou para o ginásio em Místek. Durante o ano escolástico de 1902/1903 começou a freqüentar a sexta série do ginásio no juvenato redentorista em Cervenka. Foi assim que entrou para as fileiras redentoristas e como veremos mais tarde aí permaneceu fiel até a morte. Fez o noviciado em Bílsko, em 1903, tendo como mestre o padre Josef Loch que tinha como sócio o Pe. Ján Ev. Hradilák. Em 25 de agosto de 1904 emitiu seus primeiros votos na C.Ss.R. Depois do noviciado continuou seus estudos filosóficos no seminário redentorista de Oborivte, onde se inflamou pelos ideais de Cirilo e Metódio, e queria, de todo o coração, trabalhar no campo da unidade da Igreja. Em sua rara correspondência aparece claro que esperava com alegria o dia da ordenação sacerdotal. No dia 27 de agosto de 1909 escreveu ao pai: *“Daqui a três semanas começaremos o ano acadêmico. O último para mim, antes da ordenação sacerdotal. Reze por mim! Graças a Deus não estou doente”*. Numa outra carta — por ocasião dos 70 anos do pai — escreveu: *“que o Coração Santíssimo lhe permita obter esta grande graça, que todos nós — eu em primeiro lugar — desejamos. Antes de ser admitido à ordenação devo ainda submeter-me a duas provas, mas se rezar por mim espero suportá-las”*. Terminado o quarto ano de Teologia, foi ordenado subdiácono no dia 3 de julho, diácono no 10 de julho e sacerdote, junto com 3 confrades, no dia 17 de julho. Bispo ordenante foi o cardeal-arcebispo de Praga, Leo SkrbenskΩ. Depois da primeira missa em São Caetano (Praga), no dia 18 de julho, retornou a Oboriste para terminar o último ano de estudos teológicos.

Apostolado em Svata Hora

Em 17 de julho de 1911 foi transferido de Oborivte para Praga onde começou, sob a direção do Pe. František Polepil,

o segundo noviciado, que completou em 3 de janeiro de 1912. No relatório enviado a Roma os superiores elogiam sobretudo seu zelo, acrescentando que seria um bom missionário. Padre Polepil escreve: *“Nossos padres do segundo noviciado são muito bons. Padre Nekula trabalha bem, só que fala um pouco apressadamente. Com o tempo irá mais devagar. Padre Metódio, quando prepara a pregação, quer ser original. Nem sempre consegue, mas aceita as críticas. Quanto à proclamação, ele a faz bem, de modo afável”*. Depois do término do segundo noviciado, padre Václav Nekula foi transferido para Bílsko, onde tornou-se sócio dos noviços, e padre Metódio foi destinado como missionário, permanecendo em nosso colégio de Praga.

Já no mês de setembro, Pe. Metódio soube que deveria partir de Praga para Svata Hora. Como testemunha a crônica do estudantado de Oboriste ele não ficou muito tempo em Svata Hora, porque no dia 25 de julho de 1913 esteve, antes de sua partida para Plzen, com os estudantes em Oboriste e no dia 28 de julho partiu para seu novo campo de apostolado. Não sabemos a que ministério se dedicou aí, mas em 24 de julho de 1914, o visitador, escrevendo a seu respeito, afirmava que ele tinha cumprido com diligência e esmero todos os trabalhos.

Em 1914 foi transferido para Svata Hora onde trabalhou como missionário. Quando o padre Sorko teve que deixar seu trabalho entre os imigrantes croatas, por causa de sua saúde deteriorada, nosso Beato colocou-se logo à disposição para assumir este delicado encargo. Iniciou assim sua atividade de guia espiritual entre os croatas que se tornaram “os seus abandonados” e aos quais serviu no ministério e na caridade, demonstrando-se imagem do amoroso Pai Celeste. Empregou toda sua energia na transmissão da fé, de modo especial com a catequese e a celebração da Santa Liturgia, para os croatas, eslovenos, rutenos, quer para os fugitivos, quer para os sol-

dados do hospital de Příbram. Parecia que, onde acontecia qualquer coisa entre os eslavos, lá estava presente também o zeloso Pe. Metódio.

Missionário entre os greco-católicos

No dia 2 de agosto de 1918 encontrava-se ele na comunidade de Svata Hora, quando foi transferido para Brno. Foi uma grande perda para a comunidade, porque perdia um operário cheio de zelo, muito amado também pela comunidade, como se pode deduzir das palavras do cronista: *“deixou-nos um confrade amável, zeloso e sempre alegre, um operário infatigável”*. Conforme seu testemunho, achando-se em Brno, em março de 1919, chegou ao conhecimento do provincial de Praga, Pe. Frantiska Mežířka, que fora escolhido para ir trabalhar entre os greco-católicos. Além das dificuldades para os preparativos desta missão, travava-se a guerra polaco-ucraniana, mesmo se no final tudo acabou bem. Segundo observação de um conselheiro geral, Pe. Hudecek, Pe. Metódio e também o padre Nekula não se tornaram membros da província belga, mas permaneceram membros da província de Praga. Eis uma lembrança daqueles momentos felizes de preparação: *“Em março, quaresma de 1919, recebi uma carta do Pe. Provincial. Abro e leio: O Revmo. Pe. Geral nomeou o senhor e o padre Stanislav Nekula como missionários em Halic, para os gregos católicos. Viajarão quando a situação o permitir. Felicito-os...” “Glória e graças a Deus! A permissão dos superiores para que possamos nos unir aos confrades belgas que trabalham entre os greco-católicos está dada! O desejo ardente de poder celebrar um dia a Santa Liturgia no rito oriental e de oferecer as minhas forças para a santa União está para realizar-se! Desejo este nutrido durante longo tempo e para cuja realização ele rezou muito e ardentemente já durante os estudos no seminário.”*

Como lembra pessoalmente o padre Metódio, partiu junto com o Pe. Nekula para a Galizia, sob a proteção da Virgem

do Rosário. Chegaram a Leopoldis, cansados da viagem, mas felizes por estarem já em casa. Os padres belgas ficaram muitos contentes com a chegada deles e se espantavam com a rapidez com que ambos aprendiam a nova língua, o rito e a tradição. Aqui o Pe. Dominik, como se chamava, recebeu o nome de Metódio. Em tudo eram guiados de modo especial pelo Pe. Nicolau Carnecky, que neste tempo era noviço. Estas mudanças, embora desejadas ardentemente, não foram contudo fáceis. Ele mesmo escreve: *“Confesso que se aninhou em mim certa ansiedade quando, pela última vez, rezei a santa missa latina. No rito em que fui educado e por oito anos e meio celebrei a santa missa e agora a última vez! Agora amanhã! E este feliz amanhã chegou! Era a festa do grande mártir Dimitrios, o Tessalonicense. Em meus pensamentos voltei ao momento em que na Morávia, pela primeira vez, saíram da boca dos santos irmãos de Tessalônica as palavras solenes da Santíssima Liturgia: Bendito o reino do Pai, do Filho e do Espírito Santo, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém! Agradeço a Deus a graça de poder celebrar o Sacrifício do Novo Testamento em língua eslava e de me sacrificar pela Unidade”*.

De Stanislavov para Stropkov

Quando o novo convento de Stanislavov (hoje Ivanofrankivsk) foi fundado, em 18 de maio de 1920, dentre os membros da primeira comunidade estava o padre Metódio. Como ele mesmo escreve aos superiores, o trabalho era tanto que não tinham tempo para as missões, com as quais contavam. Os padres habitavam no seminário diocesano e o padre Carnecky era o seu diretor espiritual. Esta foi apenas uma solução temporária, pois numa carta de setembro de 1921 escrevia que já estavam morando no convento.

Em agosto de 1921 participou do congresso de Velehrad e da reunião dos grupos marianos, quando chegou ao conhecimento do novo convento redentorista em Stropkov que os

superiores tinham aprovado a idéia de mandar trabalhar aí os redentoristas dos dois ritos, latino e greco-católico. Assim expressou a alegria que isto lhe provocou: *“A notícia que se está construindo, também para nós, o ninho em Podkarpatska Rus, encheu-me de especial alegria. Agora não sabemos mais esperar com o Pe. Nekula o dia em que receberemos a chamada para retornar, para que, na província checa, possamos trabalhar entre os fiéis de rito oriental. Graças a Deus, a província checa começa a trabalhar entre os fiéis do rito oriental. Graças a Deus, a província checa começará a realizar enfim o trabalho que lhe é próprio já há tanto tempo”*.

No início de outubro de 1921 o padre provincial Mezírka requisitou os padres Metódio e Nekula da Galizia. Num primeiro momento celebraram a Santa Liturgia na igreja de São Caetano, em Praga, na capela de Nossa Senhora das Dores. Depois de um mês de estadia em Praga, tomou o trem noturno no dia 22 de dezembro e dirigiu-se para Stropkov. Depois de ter alcançado a Eslováquia oriental, pôde constatar que nesta região eram outras as condições em relação àquelas com as quais já estava habituado na Galizia. Sobre isto escreveu: *“Outro país, outros costumes, na alma do povo ainda estão os sinais do soberano estrangeiro, no horizonte aparece o monstro da apostasia. Com o amor a nossos santos apóstolos Cirilo e Metódio, com a gratidão pela luz da santa fé que nos trouxeram, o desejo de trabalhar pela salvação da fé entre a boa gente rutena”*.

Apenas chegado, deram-lhe o encargo de ecônomo da casa de Stropkov e vice-reitor da mesma. Convento e igrejas estavam num estado lamentável. Assim, em fins de outubro de 1922 deveu-se providenciar sua reconstrução. Depois da Páscoa de 1922, Pe. Metódio descrevia assim a situação em Stropkov: ... *“por quanto tempo será minha casa, não sei, porque nós, do rito russo, devemos buscar um novo convento. E buscar um novo convento significa reconstruir das ruínas um novo edifício...”*

Um intenso trabalho missionário

O trabalho dos missionários e a oração produziam bons frutos. Intensificaram-se os trabalhos apostólicos nas eparquias de Presov, abriram-se novos campos para as missões nas eparquias de Uzhorod e Krizevac. A festa no 300^o Aniversário do martírio de São Josafá, o culto a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a anual festa de Maria, a arquiconfraria do rosário, o livro “Salva tua alma”, os retiros espirituais aos seminaristas, padres e religiosas: estas eram as obras apostólicas desenvolvidas sob guia do Pe. Metódio, preocupação foi prestar um serviço ao povo de Deus, intensificar a luta pelo renascimento moral e nacional, reconstruir e consolidar a consciência católica entre os greco-católicos, muitas vezes depreciados pelos católicos romanos e pelos ortodoxos. As missões populares, o apostolado, próprio dos redentoristas, atuado pelo Pe. Metódio e seus confrades tiveram grande sucesso. Da missão em Ruska Poruba e do Pe. Metódio assim recorda um dos participantes: *“Quando vinha até nós, em Poruba, falava um misto de eslovaco e de ruteno, embora procurasse falar de modo especial em ruteno. Estudou dois anos em Leopoldis ou em alguma localidade da Polônia e aí aprendeu também a língua rutena e nela pregava. Embora confundisse sempre as palavras, não tivemos nenhum problema. Foi um acontecimento a vinda dos redentoristas entre nós. Apreciei muito a educação do Pe. Metódio e sua sabedoria que o levavam a fazer tantas coisas. Gozava de autoridade entre os missionários e ninguém punha resistência ao que ele dizia. Era um membro eminente do grupo. O sorriso era raro em sua face, no mais das vezes séria. Nela se podia perceber que vivia da fé e que queria educar e edificar nosso povo, muito atrasado. Quando vieram os redentoristas, lembro-me de que as pessoas vinham à igreja com mais disposição. Tinham um bom modo de pregar. Adaptado por sua vez às mulheres, aos homens, aos jovens, às moças e às crianças. As pregações eram ricas de conteúdo e logo se percebia sua influên-*

cia”.

Construção em Michalovce

Adquirido um lote em Michalovce, iniciou-se a construção do novo convento para os greco-católicos. Metódio trabalhava nisto com todas as forças desde quando veio a Stropkov. Era ele a alma de toda a obra. Quando no dia 7 de setembro o vigário capitular Mons. Alexandre Stojka consagrou a capela do novo convento recém-construído, o superior, Pe. Metódio, em seu discurso afirmou que a partir daquele dia os redentoristas empenhar-se-iam com grande amor em servir a todos com obras espirituais e que com todas as forças cuidariam de difundir o Reino de Deus. Dez dias depois o Pe. Schrejvers, redentorista de Leopoldis, consagrou também o convento e em seu discurso disse: *“Tendo Deus nos dado um convento tão grande, dar-nos-á também pessoas para habitá-lo”*. Com este acontecimento iniciou-se um novo capítulo na história dos redentoristas e também na vida do Pe. Metódio.

Paixão por iniciativas

Era igualmente superior, mesmo se por muito tempo devesse ficar empenhado, ou melhor, exausto pelas fadigas da construção do convento. Renunciou então ao cargo de superior, e depois de novas designações foi para o convento de Stropkov, onde celebrou a Santa Liturgia para os greco-católicos até 1º de outubro de 1934. Embora relativamente jovem, as barbas e os cabelos tornaram-se brancos antes do tempo. De fato, todos o conheciam pela sua densa barba branca. Durante os dois anos de permanência em Stropkov, sua saúde melhorou um pouco. Atendeu os greco-católicos de Stropkov, e ajudava também os párocos vizinhos em seu ministério. Era também confessor dos noviços em Michalovce e vice-reitor em Stropkov. Voltando para Michalovce em 1934, exerceu o ofício de ecônomo. Em 1935 foi nomeado pela Congregação

para as Igrejas Orientais visitador apostólico das monjas basilianas em Presov e Uzhorod.

Em julho de 1936 foi mais uma vez nomeado superior do convento de Michalovce e aí permaneceu até fins de abril de 1942. Sob sua direção o convento tornou-se de fato um verdadeiro baluarte de vida espiritual em Zemplín. Como superior promoveu muitas atividades e iniciativas. Terminou a construção da Igreja. Empenhou-se na fundação do convento para as Irmãs em Michalovce, tentou fundar um novo convento para os redentoristas, que serviria de casa para retiros espirituais. Trabalhou também para a fundação da casa em Chust, na eparquia de Uzhorod. Não deixou de lado as obras apostólicas dos redentoristas, e embora não fosse mais às missões, sempre foi muito atento aos mais pobres. Queria fundar uma associação de empregadas domésticas, que eram muito abandonadas espiritualmente.

Contrastes com o estado eslovaco

As condições determinadas pelas guerras não permitiam realizar tantos projetos, antes representavam obstáculos intransponíveis. O Estado eslovaco suspeitava que os redentoristas de Michalovce eram também — além de sua nacionalidade checa — fanáticos como os rutenos; outros acusavam-nos de fazerem propaganda checa. De qualquer forma, tudo o que faziam era mal interpretado e utilizado contra eles. O cronista da época assim descreveu a situação: *“Com isto pode se ver como se quer usar de tudo contra nós, para que se possa expulsar-nos”*. A situação ficou pior ainda em 1940, quando o bispo de Presov escreveu a carta pastoral por ocasião do recenseamento e o padre Metódio foi acusado pela polícia de difundir a carta e exasperar assim a situação nacional. No dia 21 de fevereiro de 1941 foi levado a julgamento em

Michalovce, mas constatou-se que *“a acusação não continha nada de anti-estatal”*. E Metódio foi liberado. Mas esta inocência não mudou o comportamento negativo dos oficiais em relação aos redentoristas e de modo especial para com o superior, Pe. Metódio. Nem o Pe. Metódio mudou, convicto que estava da oportunidade de usar o calendário litúrgico juliano e também da utilidade de pregar em ruteno. Houve uma boa oportunidade para retirar-se e ao mesmo tempo fazer apostolado: a cúria diocesana de Presov fazia um apelo, pedindo presença espiritual junto aos soldados do exército eslovaco e aos fiéis no território da Ucrânia. Metódio e mais três confrades se apresentaram, mas os departamentos não viram isto com bons olhos e assim se esvaíram todas as aspirações.

Vice-provincial dos greco-católicos

No dia 9 de abril de 1942, liberado do encargo de superior, recebeu os agradecimentos do novo superior pelo seu memorável serviço. Sentia-se aliviado, pois não devia mais aparecer oficialmente e podia se retirar. Dedicou-se ainda em ajudar os párocos por algumas semanas e mudou de residência. Permaneceu pouco tempo em Michalovce e mesmo quando aí esteve não celebrou publicamente. Devido a estas viagens freqüentes, adoeceu gravemente em outubro e o médico proibiu-lhe sair. Depois de seu restabelecimento, porém, viu-se obrigado a continuar seu estilo de vida peregrina. Durante aquele período prestou ajuda a todos o que solicitavam. Assim, por exemplo, ajudou os hebreus.

Em 1945 retornou a Michalovce e foi mais uma vez nomeado superior. As relações com os departamentos melhoraram e como missionário experiente e superior a muitos anos, pode ajudar muito e agora mais ainda a intensificar o apostolado entre os greco-católicos. Como anotou o cronista do tempo,

quando aceitou o encargo, disse uma breve mensagem, na qual exortou os confrades à perfeição religiosa, concluindo: *“Reze-mos ao Senhor para que a consigamos”*. Seu entusiasmo e trabalho pelo nascimento da nova vice-província independente dos redentoristas greco-católicos, foi coroada de sucesso. Em 25 de dezembro de 1945 foi ereta a nova província, em Roma, e no dia 23 de março de 1946 foi promulgada em Michalovce. Seu primeiro superior vice-provincial foi o padre Metódio Dominik Trcka, nosso beato. Ao aceitar o cargo disse: *“O que é esta nova vice-província? Somos nós aqui presentes? Depende de nós e de como a construiremos. Ou sobre bases fortes ou sobre bases frágeis. Neste caso, teremos péssimo fundamento...”*. Seu confrade, Pe. Stefan Lazor diz: *“O vice-provincial é o padre Metódio, como todos esperávamos. Ele era, de fato, o mais indicado para esta função. Tinha a autoridade de um pai e influência nos departamentos civis e eclesiais, tendo, porém, sempre na mente a congregação”*. Sabia expor sua opinião diretamente, mas tinha um grande coração e compreensão para com todos. Mostrava entusiasmo em todas as iniciativas e levava em conta as boas propostas.

Nos anos de 1946-48 ele se empenhou na fundação de novos conventos em Stropkov e Sabinov, na reconstrução da Igreja em Stropkov e na formação dos jovens redentoristas. Foi um tempo de expansão e de grandes esperanças para o futuro. Como veremos adiante, nem todos os projetos foram realizados, porque, quando o partido comunista subiu ao poder, o comportamento hostil do Estado contra a Igreja cresceu. Os redentoristas eram controlados, sobretudo na igreja e nas pregações. Enquanto superior, o Pe. Metódio era sempre chamado junto às autoridades, que o repreendiam porque permitia usar do púlpito contra o regime atual. De fato, em 19 de julho de 1948, os membros da polícia irromperam no convento de Michalovce, fazendo busca na casa, mas nada encon-

trando que comprometesse os redentoristas.

A situação precipita-se

A pressão do regime comunista contra a Igreja crescia e o Pe. Metódio, como superior dos redentoristas greco-católicos, sentia seus efeitos. Foi supresso o seminário (juvenato) em Michalovce como também uma revista muito popular. A própria vice-província foi supressa, assim que os redentoristas greco-católicos deveriam integrar-se à vice-província redentorista de rito latino. Padre Metódio foi obrigado a sair de Michalovce. Escolheu como residência o convento de Sabinov, de onde continuou a dirigir secretamente os membros da vice-província. Visitou os estudantes em Oboriste e os noviços em Cervenka. *“Não estava angustiado, mas sempre cheio de viva fé.”* Exortava os confrades, assegurando-lhes que seus *“sofrimentos não seriam inúteis, porque Deus os permite, mas não abandona”*. Esta situação perdurou até a *trágica noite*, entre 13 e 14 de abril de 1950.

Na quinta-feira de Páscoa, 13 de abril, às onze da noite aproximadamente, ouviu-se uma batida muito forte na porta do convento. Quando o irmão Nikifor abriu a porta, deparou-se com os delegados que vinham para suprimir a comunidade dos redentoristas de Sabinov. Padres Ján Durkan e Efrém Kozelsky foram levados a Presov e o padre Metódio e o irmão Nikifor para Podolíneč. O delegado de Estado, após a ocupação do convento, notificou aos oficiais: *“... encontrei nos documentos material comprometedor, uma carta do padre Mastiliak, de 1937, na qual se agradece a Roma as notícias muitas boas provenientes da Eslováquia oriental. A carta é endereçada ao padre Metódio. Foi encontrado também o passaporte do padre Metódio... Estas cartas junto com outros materiais foram levados pela polícia secreta. Assim as intenções de Metódio sobre sua fuga para o exterior se confirmam. De fato, um dia antes, buscou astutamente uma nova*

legitimação, provavelmente sob outro nome, pois estivera junto ao barbeiro de Sabinov pedindo que lhe cortasse a barba”. Devido a este “material pesado” encontrado no convento, isto é, a simples carta de um confrade e a história inventada de sua tentativa de fuga ao exterior com passaporte falso, padre Metódio, nosso beato, foi condenado a 12 anos de sofrimentos no cárcere. Recebeu esta cruz com fé e confiança em Deus que dá o peso mas também a força para carregá-lo.

No convento-cárcere

Pe. Metódio esteve em Podolíneč por pouco tempo, porque, como vice-provincial dos redentoristas era continuamente interrogado e levado de um lugar ao outro. Em maio conduziram-no a Leopoldov e de lá a BÁC. Um confrade seu, companheiro de prisão em Leopoldov lembra que enviou informações aos superiores em Roma, depois de sua emigração: *“Nos meses de maio e junho de 1950 cinco de nossos padres (Metódio, Fail, J. Durkán, Szitas e eu) foram levados para os edifícios adjacentes à prisão e jogados no terrível cárcere de Leopoldov, onde sofremos durante quase 40 dias. De camisa e calças, pés descalços, sem trabalho algum, sem a santa missa, o breviário e o rosário, sob luz forte de dia e de noite e vigilância contínua dos piores guardas, sofrendo, ainda, terríveis interrogatórios de dia e de noite com todos os meios forçados, psíquicos e físicos juntos, que a moderna criminologia comunista tinha à sua disposição. Humanamente falando, era quase insuportável. Em todo momento desejava-se antes morrer que viver. Não sabíamos um do outro. Por sorte, três dias antes da prisão de todos os religiosos, queimei quase todo o arquivo vice-provincial, assim que não tinham nenhum documento escrito contra nós... Depois de 40 dias na cela de interrogatório fomos transferidos com os outros para o convento-cárcere. No mês de setembro foi abolida a Baca e todos os seus moradores foram transferidos para Podolíneč”. Um testemunha ocular do evento escreve: “De novo, no dia 25 de novembro de 1950, fomos (Pes. Metódio, Fail, J. Durkán e eu)*

arrastados de Podolínec para Presov, para uma nova cela de interrogatório, onde sofremos 30 dias de grandes torturas. Aqui, sob vigiância da NKVD, era pior que Leopoldov. Mas aqui ajudou-nos de forma clara a especial graça de Deus e pudemos celebrar o natal com os outros em Podolínec”.

Estas contínuas transferências de locais de interrogatório, com idas e vindas, contribuíram certamente para debilitar física e psicologicamente a saúde do homem mais velho. Mas seu caráter equilibrado e sua confiança em Deus ajudavam-no a suportar também estas dificuldades. O redentorista Pe. Michal Rusnak, mais tarde bispo de Toronto, passou algumas semanas com o Pe. Metódio em Podolínec. Lembra-se de que neste período o Pe. Metódio, depois do choque inicial devido a tudo o que acontecera, recuperou novamente o ânimo e o equilíbrio espiritual bem como seu bom humor. Sentia alegria quando os confrades jovens vinham visitá-lo e sempre lhes dava o que tinha recebido. Dizia também algum gracejo para que os confrades tivessem bom humor e serenidade.

Tratamento especial

No início de 1951 a senhora Mikisová, sobrinha do Pe. Metódio, solicitou por escrito aos departamentos de Bratislava e Praga a libertação do tio, ou que pelo menos fosse transferido — porque cidadão checo — de Podolínec para a Morávia, mais perto de sua casa. Pedia ainda, se possível, poder levá-lo para sua casa e tratá-lo às suas expensas, porque seu parente. A resposta só veio em julho e negativa. Nela vinha escrito: *“Seu pedido de 20 de maio de 1951 solicitando a libertação de seu tio, Pe. Metódio, ou sua transferência para a república checa, não pode ser aceito. Asseguramos-lhe que seu tio é objeto de bons cuidados em todos os níveis e precisa confiar que um dia será libertado”.*

No campo de Podolínec funcionava o mesmo esquema da prisão, mas os sacerdotes e religiosos não se deixavam aba-

ter pelo desânimo. Exortavam-se mutuamente, e — coisa importante — podiam rezar, celebrar a Santa Liturgia, as festas eclesiais. Graças a isto o Pe. Metódio pôde escrever: *“A procissão da Páscoa, em nosso pátio, foi muito bonita, mas no dia seguinte caiu muita neve.* Tratamento mais duro era reservado aos prisioneiros que esperavam o interrogatório e depois a prisão. Viviam sob pressão psicológica, sempre na incerteza do futuro. A este grupo pertencia o padre Metódio. Na relação que Michal Fitz faz dos 72 sacerdotes greco-católicos internados em Podolíneç, nomeia ainda, em 01 de agosto, o padre Metódio, redentorista. Acredita que no dia 08 do mesmo mês já está na cela de interrogatório. Pe. Ján Durkán, confrade seu e companheiro de prisão em Podolíneç, lembra: *“Fui testemunha ocular de como — com passos de soldado — caminhou em direção ao carro que viera para levá-lo ao cárcere devido a uma acusação inventada, parando a seu lado. Como se dissesse: ‘Eis-me aqui. Por Deus estou pronto a tudo!’ ‘Senhor, eis-me aqui. Sou teu.’ Este era seu suspiro em todo momento triste, que lia como querido por Deus. Até hoje não se sabe porque este generoso servo de Deus foi condenado a 12 anos de cárcere, onde terminou sua caminhada terrestre”.*

Acabada a longa série de interrogatórios, foi transferido para o cárcere do tribunal regional de Bratislava, no dia 21 de setembro de 1951. Aqui se encontrou com o padre Mikulas Vladimir, sacerdote greco-católico que o conhecera quando jovem. O companheiro de prisão no tribunal regional de Bratislava assim fala do tempo vivido com o Pe. Metódio: *“sei que suportava o processo tranqüilamente e com equilíbrio, porque estive com ele na cela... Quando aí cheguei encontrei o Pe. Metódio e Kapusta de Nove Mesto nad Váhom. Mais tarde chegou Spiriak, que foi condenado à pena capital. No Natal estávamos todos ali. Lem-*

bro-me disso, porque o Pe. Metódio estava de clergymann, embora tivesse também o hábito religioso. Em Bratislava deixou crescer a barba, sem a qual não sei nem mesmo imaginá-lo. No Natal prepararam-nos o peixe, para que sentíssemos um pouco a atmosfera do Natal. Pe. Metódio vestiu o hábito religioso e nos fez uma pequena alocação. Não me lembro mais do que falou, mas provavelmente nos tenha exortado a suportar tudo com paciência. A cela onde vivíamos não era grande. Havia apenas os leitos, com travesseiros de palha e uma cortina que escondia um vaso que servia de banheiro. Em Bratislava, tratando-se do cárcere do tribunal regional, recebemos também cobertas, a própria veste, a escova de dentes e algumas pequenas coisas pessoais. Deram-nos alimentação três vezes ao dia. No café da manhã havia café e um pedaço de pão; no almoço, sopa com macarrão ou algumas vezes com pedaços de carne com batata. Mas nunca nos alimentamos o bastante... De manhã nós nos levantávamos cedo, às cinco ou seis, não me recordo bem. Sei que tínhamos muito tempo livre. Cada qual aproveitava como podia. Não nos deram livros e assim não lemos nada. Havia igualmente problemas com as correspondências, pois eram sujeitas à censura e muitas não chegavam às nossas mãos. Rezei com o Pe. Metódio. Não podíamos fazer em voz alta, porque nem todos da cela eram crentes. Cada qual rezava as orações que sabia de cor, por exemplo: o rosário e alguma coisa do breviário. Quando todos dormiam, nós nos confessávamos mutuamente, para estarmos prontos a tudo. O padre se preparava sempre assim e tudo assumia. Mesmo quando alguém era acusado de “ação contra o Estado”, porque para os comunistas isto era ação contra o Estado, ele assumia a responsabilidade. Dizia que ele era o superior e assim fazia tudo. Queria proteger todos os redentoristas para que não fossem encarcerados ou interrogados. Acreditava que, uma vez livre, poderia ir para uma grande paróquia, talvez pensasse na cidade, onde poderia ser um sacristão e também celebrar a santa Liturgia. Infelizmente não foi assim.

Uma condenação preestabelecida

A primeira sessão no tribunal com a presença do Pe. Metodío foi fixada para o dia 21 de abril de 1952. O procurador do Estado acusava-o de colaboração com o bispo Gojdic, que difundia suas cartas pastorais anti-estatais e ilegais e comunicava informações secretas a Roma, através de seus superiores em Praga. Tudo isto sugeria qualificar como crimes de alta traição e espionagem. Ao tomar conhecimento da acusação Pe. Metodío reconheceu sua própria culpa, não, porém, no sentido em que estava formulada. Ela fora reconstruída artificialmente e o resultado do tribunal — isto é, a pena mais dura — parecia já preestabelecida. Reconheceu não ser culpado do debate público. Mais vezes foi-lhe perguntado porque seu depoimento não concordava com o precedente, colhido durante o interrogatório da polícia secreta do Estado. Como resposta, disse que *seus depoimentos eram muito mudados, que jamais tinha dito tais coisas e que assinara porque estava na cela de isolamento*. Depois de 20 minutos de conselho no tribunal o juiz do Estado considerou o Pe. Metodío culpado porque: *1) de 1946 a janeiro de 1950 em Michalovce e em outros lugares ele seguia e apoiava financeiramente os rebeldes de Bendera, o serviço Vaticano e os reacionários da hierarquia eclesiástica. Além disso, difundia as cartas pastorais ilícitas e anti-estatais do ex-bispo greco-católico Gojdic, aliou-se com estas pessoas na tentativa de tomar da república uma parte de seu território e subverter a fundação popular-democrática e o sistema social e econômico da República, assegurados pela constituição; 2) no período de 1945-1949 em Michalovce, em Oboriste e em outros lugares, passava, como espião, informações de caráter político e referentes à segurança do Estado a espiões do Vaticano, ao Th. Dr. Jan Mastialik e ao provincial dos redentoristas em Praga. Assim de forma indireta transmitiu os segredos de Estado à nação estrangeira. Assim cometeu os crimes... 1) o delito de alta traição... 2.) o delito de espionagem... O acusado Metodío é condenado*

ainda... a 12 anos de reclusão forçada como condenação geral. Outras penas a serem comutadas em pena pecuniária igual a 20.000 coroas, o confisco forçado de todos os bens e a perda total dos direitos de cidadania por 10 anos. Devido à gravidade e quantidade de circunstâncias especiais em que se encontrava o culpado, a corte de Estado impôs ao acusado a pena de acordo com parágrafo 91, lei V/1878, dando-lhe o mínimo da pena pedida, considerando a periculosidade da pessoa acusada e o ato por ela produzido contra a sociedade. Por isso na pessoa acusada condena-se o padre reacionário, autor de dois graves crimes contra o Estado e por isso a Corte decretou que a pena imposta é útil, no sentido que não venha a cometer outros crimes". O advogado apelou, segundo o procedimento penal, à corte suprema de Praga, mas a apelação foi rejeitada no dia 12 de junho de 1952, por motivação insuficiente adotada pelo advogado. Portanto não podia obter justiça. Desde aquele tempo começou para ele o longo caminho de sofrimento, que terminaria com o martírio.

Vida dura no cárcere

Depois da sentença foi levado para Ilava e foi registrado com o número 2535 e aí permaneceu incorporado até maio. A vida neste cárcere foi muito difícil, principalmente para os idosos. Pe. Metódio pertencia ao grupo de prisioneiros mais fracos e sua saúde e idade não lhe permitiam trabalhar plenamente. A saúde abalada suscitou-lhe muita paciência. Tirava também da Liturgia a força para suportar a perseguição que, ao que parece, celebrava secretamente na prisão. Da prisão de Mirov, aonde chegou de Ilava no dia 6 de março de 1953, como prisioneiro de número 1366/53, escreveu ao sobrinho: *"... peço uns limões e uva passa, porque não há fruta. Diversos pães... e me vai bem um pãozinho de trigo puro com fermento e água, sem gordura e sal, pelo menos de vez em quando..."*. Pedia, assim, pão

e vinho (uva passa) para poder celebrar a santa liturgia.

Na prisão em Mírov encontrou também Mastliak, que assim recorda o fato: *“Depois de alguns dias levaram-me do departamento, tísico, com icterícia infecciosa justamente para o local onde estava o padre Metódio. Eu, porém, não sabia. Um enfermeiro de bom coração trouxe-o ao quarto para os tísicos, próximo do hospital, porque ele tinha ouvido que eu chegara a Mírov e queria me ver. A porta de nosso quarto se abriu e pude trocar algumas palavras com o padre Metódio, depois de aproximadamente quatro anos. Este encontro foi muito emocionante para ambas as partes”*.

Em agosto de 1953 a família do padre Metódio mais uma vez tentou libertá-lo, alegando no pedido: *“Peço, mais uma vez, que por causa da idade avançada, das doenças, como também por outros motivos, seja-lhe anulada a pena capital em favor da graça”*. O pedido não obteve resposta. Em 17 de agosto advieram mais problemas de saúde, visto que escrevia ao sobrinho dizendo ter tido problemas nas pálpebras, pedindo que lhe comprasse óculos. No final de 1953 teve uremia, assim que foi levado inconsciente ao hospital de Sant’Ana em Brno, onde havia um departamento para prisioneiros mais graves e também para intervenções mais difíceis. Seu estado era muito sério e os doutores suspeitavam que por ora não pudesse deixar o hospital de Brno.

Quando o Pe. Metódio escrevia de Brno ao sobrinho não se queixava de nada. Segundo ele foi para o hospital apenas para um tratamento especial das vias urinárias. Não necessitou de intervenção cirúrgica e, para espanto dos médicos, depois de alguns meses, no dia 18 de março de 1954, retornou a Mírov. Pe. Metódio atribuía sua cura à intercessão de Sant’Ana. As palavras do Pe. Mastiliak o confirmam: *“Pouco antes de sua morte ele me contava numa cela de Leopoldov, onde estávamos juntos: quando foram para o hospital, ele acordou e perguntou: ‘Onde estou?’ Responderam-lhe: “No hospital de Sant’Ana, em Brno”. Quando jovem ele estivera em nossa casa de Brno e parece que conhe-*

cia este hospital. Então disse: “Sant’Ana, eis me aqui. Faça de mim o que quiser”. ‘E Sant’Ana pediu-lhe seis anos de vida. Cheio de gratidão, revelou-me na ocasião o desejo de colocar na parte direita de nossa Igreja em Michalovce, um altar com a imagem de Sant’Ana, que seria rodeado de flores. Que a saúde melhorou, ele mesmo confirmou numa carta ao sobrinho: “... A saúde melhorou, graças a Deus. Na idade avançada a TBC não é tão aguda como na juventude e pode ser detida...”

A sobrinha do Pe. Metódio tentou repetidas vezes pedir a libertação também em 1945, mas os departamentos competentes estavam sempre contra. Na resposta do tribunal regional de Bratislava, recebida em 1^o de outubro, podemos ler: *“O tribunal de Bratislava comunica que por decisão da corte suprema de 13 de julho de 1954, o pedido de perdão para o padre Metódio foi rejeitado, porque o objetivo educativo da pena não foi ainda alcançado e o crime era considerado muito grave. Contra a decisão da corte suprema não há apelação...”* Durante todo o tempo de prisão do Pe. Metódio, traidor e espião, o sacerdote greco-católico e religioso não esperava nenhuma anistia. De sua correspondência se vê o desejo claro de liberdade e a esperança de que um dia certamente seria livre. Entregava sua vida nas mãos de Deus e atribuía à sua vontade o fato de ainda estar vivo.

A crueldade de alguns guardas

Quando teve metade da pena comutada, pôde pedir para ser libertado sob condição. Os guardas da prisão, porém, abusavam disto propositadamente. Para que — depois de ter suscitado no prisioneiro a esperança da liberdade — a resposta negativa lhe causasse maior depressão e dano psíquico. Nesta situação se achou o Pe. Metódio. Agostinho Krajcik, companheiro de prisão, lembra: *“De forma pior ainda foi tratado outro*

meu companheiro de prisão de Mírov, Metódio, também ele sacerdote católico e religioso. Era de idade avançada e adoentado. Não tinha força para trabalhar. Também ele observava escrupulosamente as regras do cárcere. Quando terminou de descontar a metade da pena, pediu redução da mesma. Os guardas do cárcere diziam-lhe que seguramente seria libertado... Por que manter no cárcere um homem idoso? Para o trabalho, não tinha forças. E nem mesmo ganhava para si mesmo. Para a direção da prisão era apenas um peso. A melhor coisa seria libertá-lo. Principalmente se pensarmos que já tinha passado seis repletos anos numa situação problemática. Depois de tantos anos como prisioneiro ancião, consegui boas aquisições: uma veste decente, belas tigelas para o alimento, sapatos decentes etc... Os amigos pediram que trocasse todas estas coisas com eles. E ele o fez com alegria. Estava convencido de que não lhe seriam mais úteis. E, o que aconteceu então? Não foi libertado. Isto lhe abateu tanto que por duas semanas não se podia falar com ele. Evitava toda companhia, fechou-se e não tinha confiança em ninguém”.

No dia 22 de abril de 1958 foi transferido de Mírov para Leopoldov, última etapa de sua peregrinação neste mundo. Na cela reservada aos padres estavam dezoito. Destes, pelo menos cinco eram velhos e doentes e não iam para o trabalho. Dentre eles o prisioneiro de número 4898/E -1, Pe. Metódio. De suas cartas à família podemos deduzir que em Leopoldov estava melhor que em Mírov, e que também sua saúde melhorara bastante, tanto que escrevia à sua sobrinha: *“Graças a Deus cheguei aos 73 anos! Ainda tenho uma pena de cinco anos. Se Deus quiser, sobreviverei também a isto...”* A mesma disposição revela a carta de agosto, onde lembra que, apesar da idade, está bem de saúde: *“Aqui estou um pouco melhor. Não estou tão doente a ponto de ficar acamado, mas a velhice é velhice. Graças a Deus por isto: há sempre alguma coisa que não vai bem, mas assim é a vida”*.

Antes do Natal de 1958 ele escreve à sobrinha: *“Caríssimos, o Natal se aproxima lentamente e penso em vocês e em toda a família. Deus lhes conceda viver na alegria é o que lhes desejo de todo*

o coração e me lembrarei de modo especial de vocês. Lembro-me que o Natal do ano passado era totalmente outro. O tempo aqui é mais clemente que em Mírov. Até agora não senti calafrios fortes. A saúde, sem problemas. Somente as vertigens! Mas o que posso fazer? Desejohes um ano novo cheio de felicidade, de bênção e de boa saúde. Vocês me fazem tanto bem com o dinheiro, que me tem ajudado tanto. Por isso Deus abençoe a todos, de coração. Não me esqueço de ninguém. Vou terminando meus votos de Natal, saúdo cordialmente a toda a família, de modo especial vocês duas. Seu tio, Metódio”.

Condenado porque cantava

Não sabia ainda que o Natal de 1958 seria o último. O doutor Anton Neuwirth, que na ocasião fora companheiro de prisão de Metódio em Leopoldov, diz: *“Quando cheguei em Leopoldov, Pe. Metódio estava no assim chamado “Vaticano”. Esta construção servira antes de pouxada para os guardas da prisão, mais tarde, porém, destinada ao grupo “D”. Esta construção fora reservada para os sacerdotes anciãos, por isso era chamada de “Vaticano”. Caracterizava-se pelas janelas que davam para o corredor — antes ligado aos apartamentos dos guardas — e que podiam se abrir por dentro e por fora. Um dia, antes do Natal, creio que na vigília, o Pe. Metódio estava sentado junto à janela e cantava uma canção religiosa. No corredor passava o guarda. Vendo, abriu um pouco a janela e se pôs a escutar; embora o Pe. Metódio cantasse muito baixo, ele entendeu do que se tratava... Este guarda era jovem e tinha como sobrenome “Falcão”. Alguns prisioneiros tinham-no conhecido com o nome próprio. Nós, porém, só com um dos apelidos que circulavam entre os prisioneiros e assim o identificamos. Quando o guarda ouviu que o padre cantava um canto religioso, chamou o capitão. Ele não tinha as chaves da celas e nem mesmo podia entrar nelas. Só o capitão as tinha, e assim devia telefonar-lhe. Ele*

veio com outros, um ou dois, talvez com a escolta. Não sei. Prenderam o padre, conduzindo-o à cela de isolamento e precisamente àquela de correção. Não era uma simples cela, mas de uma grande repartição, cujas celas eram destinadas ao encarceramento. Em Leopoldov eram enviados às celas de isolamento de modo especial os homens, não só os criminosos, mas os prisioneiros políticos. Eles não podiam ser chamados com este nome: os comunistas diziam que na Checoslováquia não existiam “prisioneiros políticos”. Simplesmente porque o Estado não reconhecia a condição de prisioneiro político. Todos eram criminosos mesmo aqueles que eram condenados por causa de um delito político ou por um outro ato criminoso. Diziam-nos: “você são os piores criminosos”. Você são piores que os homicidas e, de acordo com a idéia que tinham de nós, nos tratavam. No andar térreo desta repartição de celas de isolamento havia outras. Eram celas de correção chamadas de “prisão na prisão”. Naqueles dias, se alguém tivesse cometido alguma coisa, recebia como pena a cela de correção, onde deveria se corrigir. Tinham elas uma aparência especial e eram escuras. Havia uma pequena janela, normalmente fechada com uma tampa de ferro. A cela de correção tinha pavimento de cimento e a cama era como um grande retângulo de cimento acima do chão, obviamente fria. Aí podia dormir somente quem devia cumprir a pena. E para que o detento não pudesse dormir bem foram colocadas pontas que cutucavam os prisioneiros que quisessem usar o leito. Durante os três dias em que aí se estava não se podia dormir bem. Devia-se deitar sobre o cimento e só se recebia uma cobertura. A alimentação era a cada dois dias. Assim, durante dois dias, passava-se fome e não recebia alguma coisa. Pe. Metódio foi logo levado para a cela de rigor e dormiu sobre o cimento. No dia seguinte, durante o dia ou já durante a noite, chamaram o responsável da saúde, mas não sei o motivo. Talvez porque o guarda quisesse eximir-se de qualquer responsabilidade ou talvez porque o Pe. Metódio tivesse se queixado. Chamaram então o serviço médico que era realizado por um prisioneiro que um dia fora estudante de medicina. Ele disse-me que fora chamado à cela de máximo rigor,

onde estava o Pe. Metódio, e pediu-me para que cuidasse dele e tentasse transferi-lo para a enfermaria. Lembro que apoiar a causa dos padres ou ajudá-los era arriscado e se perdia posição. Também porque eu estava condenado por “prática religiosa” e isto só podia piorar minha situação. Já era conhecido como ligado aos padres. Sempre que um sacerdote precisava, meus colegas médicos vinham até mim, pedindo que fosse até o capitão, propondo-lhe transferência do prisioneiro para a enfermaria etc... Não me lembro mais se pedi para vê-lo ou se na manhã o serviço médico era meu e assim levaram-me até ele. Não deve se excluir e penso ser muito provável que este estudante de medicina pensasse que o padre tivesse um problema pulmonar e por isso me chamaram. Fui logo e de fato ele tinha uma febre aguda acima de 40 graus e também uma pulmonite, penso que bilateral, e assim diagnostiquei que fosse para a enfermaria. O capitão da guarda não queria deixar de forma alguma. Disse-lhe que ele seria o responsável se acontecesse algo àquele homem. Depois de ter consultado alguém, concordou que fosse transferido da cela de pena máxima para a de isolamento, onde havia um pavimento de madeira e também um leito de palha onde ele pôde dormir. Insisti ainda para que tivesse uma coberta, ou duas, para se cobrir durante todo o tempo, porque na cela de pena máxima ele recebera apenas uma só para a noite. Enquanto me lembro aí ele passou uma noite, a tarde e a noite certamente, e o dia seguinte quando saiu. Depois, durante certo tempo, não obstante nossa escassez, nós lhe demos aspirina. Mas me lembro que estava vai e não vai, nem bem e nem mal. Tentei mais uma vez transferi-lo para a enfermaria, mas sem resultado. Em seguida a febre tornou-se mais estável e só por isso continuamos a assisti-lo: sempre algum médico se fazia presente à cela de isolamento. Minha história termina aqui, porque depois fui proibido de visitá-lo. Soube, mais tarde, que sua situação foi piorando mais e mais, até que morreu. Falando com ele, pedi-lhe desculpas por não poder transferi-lo para a enfermaria. Eu queria que acontecesse, sabendo que isto o ajudaria muito. A terapia teria sido melhor, encontraria uma alimentação melhor e cuidados.

Também teria tido acesso a medicamentos mais eficientes. Em todo caso, estou convencido de que sua morte foi condicionada pela sua estadia na cela de pena máxima. Ele me disse ainda que não guardava rancor por causa disso. Não consigo repetir com precisão, mas o essencial é que o padre demonstrou bondade, e perdão para com todos os que lhe causavam isto. O que considero muito importante é que nesta situação ele perdoava — mesmo sabendo que de fato não estava bem.”

Padre Metódio foi transferido para a cela para morrer. O padre Mastiliak tomou conta dele, *o santo do santo*. “Quando estávamos no corredor, defronte à janela da cela onde estava doente e quase à morte — relata o padre Stefan Kristin — o padre Metódio lançou um olhar sobre a janela e eu lhe acenei. Reagiu imediatamente, levantando as mãos para o céu e com os olhos deu entender que se despedia antes de passar do tempo para a eternidade”. Pe. Mastiliak — como ele mesmo disse — tinha a cama ao lado do Pe. Metódio, mas não esteve presente à sua morte, porque devia trabalhar na oficina. Soube, porém, através de um mensageiro o que estava acontecendo. Sobre os últimos momentos, lembra: “Pela tarde, enquanto morria, achavam-se na cela somente os padres de idade mais avançada que não participavam dos trabalhos comuns. Nós outros seguimos sua agonia na oficina, através de um mensageiro. Quando retornamos do trabalho, às 10, nosso padre já tinha morrido, fazia uma hora”. Era o dia 23 de março de 1959.

“Era costume, conta o Pe. Mastialik, deixar o morto na cama, ainda uma hora após a morte. Chegando os guardas, levaram-no ao necrotério. Um dia depois o sepultaram no cemitério do cárcere, obviamente sem a presença de nenhum sacerdote, com a presença de um guarda.” Em abril de 1959 a família tentou transferir seus restos mortais para sua cidade natal de FrΩdlant, mas só encontrou dificuldade e não conseguiu. Pelo menos ficaram sabendo onde era sua tumba. Segundo ela, no cemitério havia ape-

nas duas fileiras de tumbas. As outras eram apenas montes de terra com mato. Pe. Metódio estava sepultado na sétima tumba da primeira fila.

Os despojos em Michalovce

Depois da restauração da Igreja greco-católica, em 1968, os redentoristas puderam pedir a transladação dos restos mortais do Pe. Metódio do cemitério da prisão de Leopoldov para Michalovce. No dia 16 de outubro de 1969, aconteceu a exumação. O túmulo foi identificado pela família e pelas irmãs SSNPM de Sladeckovce. As testemunhas da exumação que conheceram o Pe. Metódio ainda em Michalovce reconheceram seus restos pelo dente de ouro, que brilhava em cada sorriso do Beato. Os funerais foram celebrados no dia 17 de outubro de 1969, em Topol'any, próximo a Michalovce, e embora não se tivesse podido organizá-lo bem, dele participaram muitíssimos fiéis e sacerdotes, saudando este missionário afamado, que sofreu o martírio por Deus e pela Igreja. Seus restos mortais se encontram na tumba dos redentoristas, no cemitério de Michalovce. Em 1969 seus confrades tentaram reabilitá-lo, mas sem sucesso, pelo menos até fins de 1990. Depois da queda do regime comunista, Pe. Metódio foi reabilitado pelo tribunal regional de Kosice, e com isto foi oficialmente reconhecida a culpa do Estado pela sua prisão injusta, pela sua condenação e morte.

Quando entre os prisioneiros se falava de injustiça e crueldades nos cárceres praticadas pelos guardas, normalmente se referia ao exemplo e martírio do Pe. Metódio. Os detalhes de sua morte foram transmitidos oralmente, de cela em cela, de cárcere em cárcere. O verbita Vojtech Kovacik recorda: *“Tantas vezes ouvi este nome em Valdice e os prisioneiros que foram transferidos de Leopoldov para Valdice recordavam-se dele com gran-*

de estima”. O jesuíta Alojz Litva, companheiro de prisão em Podolíneč, ficou sabendo pelos que estavam em Leopoldov que ele morreria em consequência da cela de pena máxima, onde se tinha resfriado gravemente e para onde fora levado somente porque cantara baixinho uma cantiga natalina. Durante o comunismo, embora sua tumba estivesse em cemitério público, não pôde ser visitado em massa. Isto levaria à suspeita dos oficiais e da polícia secreta do Estado que consideraria como uma reunião ilegal e anti-estatal de cidadãos. Mas sua lembrança sempre se manteve viva entre os prisioneiros, o clero e os fiéis. Quando se falava dele ou dele se escrevia, ou quando era proposto como exemplo de sacerdote, missionário, seja no passado como no presente, isto era sempre ligado a seu martírio. Assim confirma o dr. Anton Neuwirth: *“quando falava dele, sempre estava convicto de sua morte de mártir. Além de ser um sacerdote, em certo sentido exerceu o culto, cantando uma canção religiosa e — repito — por causa disto foi punido de forma inadequada pela sua rigidez. Isto foi a causa direta de sua morte. De acordo com o que penso, ele é um dos mais insígnies ‘mártires brancos’ da ditadura comunista na Checoslováquia”*.

Jan Durkán compara o Pe. Metódio e seu confrade Mikulás Nekula — os primeiros redentoristas da província de Praga a receber o rito greco-católico — com Cirilo e Metódio, que trouxeram aos eslavos na Grande Morávia a fé no Deus Vivente e Trino. A este respeito escreveu: *“Este é nosso precioso jubileu, que há 50 anos vieram até nós duas estrelas do Ocidente: Metódio e Nicolau, que através de seus grandes e heróicos sacrifícios,*

germinou a renovação de nossa eparquia de Presov. Estes dois nos rejuvenesceram com a efusão do sangue e em seus passos chegaram outros zelosos operários para Deus e para as almas, que sacudiram com missões, tríduos e outras formas de apostolado toda nossa diocese, de tal forma que os superiores e também os fiéis viram com admiração os frutos de sua missão; foram amados como nossos antepassados Cirilo e Metódio, vistos como dois anjos descidos do céu. Grande foi a colaboração do Pe. Metódio com o desenvolvimento dos greco-católicos na Eslováquia. Também seu zelo pela casa de Deus e a fidelidade à Igreja Católica e à tradição de Cirilo e Metódio foram fortes. Sua fé foi tão forte que teve que pagá-la com a vida. É um exemplo fulgurante de cristão, de missionário, religioso e sacerdote, que deu a vida servindo a Deus e à Igreja, e buscando apenas sua glória e a salvação das almas.

BEATO IVAN ZIATYK

(1899 — 1952)

Sacerdote da Congregação do Santíssimo Redentor

e

Vigário Geral da Igreja Greco-Católica na Ucrânia

A Vida do Beato

O beato Ivan Ziatyk nasceu no dia 26 de dezembro de 1899 em Odrekhova, um povoado distante 20 km a sudoeste

da cidade de Sjanok (atual território da Polônia). Seus pais, Stepan e Maria, eram camponeses simples e pobres. Com a morte do pai, quando Ivan tinha 14 anos, a mãe ocupou-se de sua educação e o tio Mykhajlo, irmão mais velho do pai, assumiu a responsabilidade pela sua formação. Sobre sua infância e juventude assim diz seu sobrinho Ziatyk Stepan: ... *“ele era muito calmo, um jovem antes de tudo obediente. Durante os estudos na escola do povoado, manifestou-se como um de seus melhores alunos. Onde quer que estivesse, podia-se notar sua grande religiosidade e espírito de autêntica piedade...”*

Depois o Beato completou sua educação freqüentando o ginásio da cidade de Sjanok (1911-1919). Também aqui sempre foi considerado um dos melhores no estudo e no comportamento. Ivan Ziatyk foi o primeiro habitante do povoado de Odrekhova a adquirir uma boa preparação científica, estudando nas instituições de alto grau. No ano de 1919 foi incluído entre os alunos do Seminário teológico em Peremysh', completando os estudos em 30 de junho de 1923.

Uma qualidade de muito valor para qualquer futuro sacerdote era sua capacidade vocal, porque todas as celebrações públicas no rito bizantino na sua maioria são cantadas. Por isso, para um candidato ao Seminário a habilidade para o canto era normalmente muito apreciada e exigia-se como coisa necessária. Ivan Ziatyk não possuía este dote natural. Embora não dispusesse de uma voz forte e melódica, nem de um ouvido musical agudo, conseguiu superar os exames de aceitação. Nele havia algo de grande, mais elevado e precioso que uma boa e potente voz, como testemunha o padre Ivan Ortyns'kyj, SBD: via-se nele a vocação sacerdotal. Esta qualidade, muito mais elevada que a força da voz, estava inserida no profundo de seu ânimo em grande medida e em notável grau de perfeição.

Depois de terminar os estudos teológicos no Seminário foi ordenado sacerdote no mesmo ano de 1923. Passou sucessivamente alguns meses na paróquia do povoado L'osi onde substituiu o pároco, Pe. Illarion Ortyns'kyj. Nos anos seguintes, de 1925 a 1935, desempenhou o ofício de prefeito no Seminário Ucrâniano Católico em Peremyshl', ocupando-se da formação espiritual e intelectual dos seminaristas. Nos anos de 1925-1931 ensinou Catequética e de 1926 a 1935 cuidou também das matérias de dogmática especial no mesmo seminário.

Padre Ivan Ortyns'kyj, SDB, que conheceu o Beato neste período de sua vida e o encontrou pela primeira vez em 1924, assim disse dele: “... *aquele sacerdote, Padre Ivan, suscitou-me uma impressão toda especial. Ele ficou para sempre gravado em minha memória, não só sua grata recordação como também a sincera intuição da presença de algo mais profundo. Ele foi para mim aquela realidade que deixou em meu currículo terreno os traços mais marcantes e decisivos. O mesmo podem dizer outros amigos meus...*”

Apontando as características de sua personalidade, o padre Ortyns'kyj assinala: “*Ele era um homem de grande humildade, de profunda e intensa vida interior, muito generoso e cordial com os outros. Distinguia-se notavelmente pela concentração nas coisas espirituais, causando impressão a quem o rodeava... Hoje sabemos que isto era resultado e expressão de sua contínua união com Deus, na conversação meditativa... Esbelto, gentil, vestido com a batina negra sacerdotal, sempre com um leve sorriso e pronto a responder a quem lhe pedisse alguma coisa, atento a não entrar em assuntos inúteis, saudava a quem encontrava no caminho com honestidade e devido respeito. Seus cabelos, curtos e negros, faziam-no um pouco severo, sublinhando ao mesmo tempo a alegria de seu espírito, típica de um jovem... se eu quisesse descrever sua personalidade na perspectiva de hoje, refrescando as lembranças anti-*

gas que dele ficaram em minha memória, poderia chamá-lo de uma encarnação da tranqüilidade e da ternura de espírito. Já naquele tempo o considerávamos um antigo sábio erudito, um autêntico homem de justiça pia e reta”.

Vendo a grande capacidade do Beato, não é estranho que o bispo ordinário da Eparquia greco-católica de Peremyshl, o Beato Josafat Kocylovskyj e o Consistório da Diocese o chamassem para ser professor e prefeito do seminário teológico local. Conforme afirmações dos alunos do seminário, as aulas que ministrava eram interessantíssimas, claras, compreensíveis a todos, mesmo se lidas em latim. Todos o amavam e o estimavam de coração, porque reconheciam nele uma personalidade profundamente espiritual e bondosa e um mestre hábil e erudito. Todos consideravam-no simplesmente *“um homem santo”*. Nosso Beato tornou-se a luz da Instituição e da educação espiritual da cidade de Peremyshl’, seu precioso, amado e estudioso funcionário.

Enquanto professor do Seminário Teológico, o Beato se ocupava ao mesmo tempo da direção espiritual e do ensino catequético no ginásio ucraniano feminino da cidade. As alunas testemunham a existência de uma atmosfera de reverente respeito para com o Beato. A estima delas acompanha todas as ações do Beato. É necessário acrescentar que o ginásio era uma das mais importantes instituições educativas ucranianas do tempo. De suas portas saíram muitas mulheres que contribuíram notavelmente com o tesouro espiritual da nação ucraniana. Os nomes de muitas delas estão escritos com tintas de ouro nas páginas do martirológio ucraniano.

A senhora Nadia Sapeljak recorda: *“Minha mãe me contava que no tempo em que estudava em Peremichl’, freqüentava sempre a Liturgia celebrada pelo padre Ivan. Como sempre ele entoava com voz muito baixa, mas as multidões vinham à sua celebração porque*

pregava muito bem, dando aos fiéis os ensinamentos profundos e úteis para sua vida religiosa. Por isso, durante a Liturgia na igreja reinava absoluto silêncio. Meu pai, por sua vez, recorda que o padre Ivan era uma pessoa muito piedosa e totalmente privada de interesse material, que renunciava até mesmo ao que lhe era justo como prêmio. Ele desejava que os ucranianos fossem bem instruídos, por isso preocupava-se muitíssimo com a atividade, quer fosse material ou espiritual, do Ginásio feminino”.

Missionário Redentorista

Havia muito tempo que o Beato nutria o desejo de tornar-se religioso. Os padres cónegos do consistório diocesano não apoiavam esta sua decisão procurando demovê-lo por todos os meios desta sua iniciativa. Não obstante todos os empecilhos e oposição dos sacerdotes seus conhecidos, permaneceu fiel à vocação que a cada dia sentia mais viva em seu coração. Assim foi que no dia 15 de julho de 1935 passou o limiar da porta do Convento dos Redentoristas. Imbuído do espírito de uma mais íntima união com Cristo, padre Ivan não deixou espaço à dúvida e quando se tratou de dar precedência aos valores espirituais, deixou o mundo e ordenou sua vida de acordo com os mandamentos e a perfeita imitação de Cristo.

Sendo de mais idade que seus colegas noviços, ele não quis distinção, mesmo nas coisas mais simples. Ele, já professor e formador do Seminário de Paremshl', fazia todo tipo de trabalho prescrito aos noviços: limpava os pavimentos, levava fora o lixo, trabalhava no campo etc. Em breve distinguiu-se pela sua paciência e humildade, exercitadas em grau heróico, seja em relação a seus superiores ou a seus “coetâneos”.

Concluído o noviciado em Gholosko, padre Ivan foi enviado para o convento de Nossa Senhora do Per-

pétuo Socorro, em Stanislaviv (hoje Ivano — Frankivsk), onde era superior o Pe. Roman Bakhtalovs'kyj. Aí permaneceu por pouco tempo, já que no outono do ano seguinte (1937) foi transferido para o convento de São Clemente, à rua Zyblykevysc 55-56 (hoje rua Ivan Franko) em Lviv. Aí exerceu a função de ecônomo da casa e substituíu, em suas ausências, o vice-provincial Pe. De Vocht. Em 1934 os redentoristas construíram seu seminário próprio em Gholosko (Lviv) e o padre Ivan foi enviado para aí lecionar teologia dogmática e Sagrada Escritura.

De 1941 a 1944 foi superior no convento dedicado à Dormição da Mãe de Deus, em Ternopil'. De 1944 a 1946 dedicou-se aos estudantes redentoristas em Zbojiska, no convento de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Não obstante as obrigações de superior que ele sempre desempenhou fielmente e com sucesso, o padre revelou-se também como um bom pregador e um homem tranqüilo, de uma paz típica de quem abandonou completamente a preocupação com coisas mundanas.

O Servo de Deus foi um exemplo brilhante do sacerdócio praticado na oração: *“Quando rezava, parecia um anjo a rezar: não virava as costas, nem mexia a cabeça, nem movimentava o corpo para ver quem entrava em nossa capela”. Provavelmente por causa deste seu comportamento de homem de oração, o Senhor o recompensou abundantemente com dons extraordinários tais como a força da palavra no ambão da igreja e o discernimento dos espíritos no confessionário. De fato, diante do confessionário, onde administrava o sacramento da penitência, podia-se ver freqüentemente uma grande multidão de pessoas que, deixando o trabalho e ocupações, vinha em massa mesmo durante os dias comuns. Os temas mais caros a seu coração de pregador eram: a Paixão de Cristo, a Eucaristia, e a Mãe de Deus.*

A perseguição soviética

Eis que chega o tempo terrível para a Igreja Greco-Católica Ucraniana e conseqüentemente também para a Província Redentorista na Galizia. Depois de ter capturado todos os membros do episcopado greco-católico ucraniano, os soviéticos obrigaram todos os religiosos professos da Congregação Redentorista, que naquele momento estavam em território da Ucrânia Ocidental, isto é, nos conventos de Ternopil', de Stanislaviv, de Lviv e de Zbojiska, a se reunir no convento de Gholosko. Aí foram obrigados a viver na parte não aquecida da casa. Entre eles estava também nosso padre Ivan. Os policiais, satisfazendo o baixo e desumano instinto de poder, fizeram de tudo para que os religiosos vivessem uma situação dentre as mais incômodas e desumanas possíveis. Cinquenta e oito pessoas eram obrigadas a habitar um apartamento onde cabiam, no máximo, umas quinze. Por dois anos foram obrigados a suportar um regime onde cada um era vigiado de perto. Três ou quatro vezes por semana alguns membros da NKVD vinham conferir se alguém tinha deixado o convento. Por outro lado eram convocados para dolorosas instruções, buscando fazê-los cair em tentação, colocando assim à prova sua fidelidade aos votos professados. Os sacerdotes podiam celebrar a Liturgia apenas na capela privada, sem a presença de outras pessoas. Era-lhes severamente proibido exercer uma atividade pastoral entre o povo ou servir espiritualmente aos fiéis.

No domingo de 17 de outubro de 1948 os bolchevistas levaram em carros de transporte de mercadorias todos os redentoristas de Gholosko para Univ, a um dos mosteiros de regra studita, onde já se achava a maioria dos religiosos greco-católicos de diversas ordens e congregações religiosas. Desta forma 31 membros da congregação foram obrigados a viver num ambiente ex-

tremamente apertado, já que não havia espaço suficiente para todos. O padre Ivan estava neste grupo.

Vice-Provincial e Vigário Geral

No dia 15 de janeiro de 1948, o padre J. De Vocht, vice-provincial dos redentoristas, foi intimado a se apresentar no posto da polícia de Estado em Lviv. Por ser cidadão belga, foi intimado a deixar a Ucrânia, de outra forma correria o risco de vir a ser processado pelo governo soviético como ativista contra o Estado. O velho padre vice-provincial, depois de ter designado o Beato Ivan como seu sucessor, teve de deixar com tristeza e pesar o país que tanto amara e onde por vinte anos trabalhara pelo bem do ramo oriental da Congregação.

Já em 1945 o metropolitano J. Slipyj, prevendo o perigo de sua prisão, tinha nomeado o padre De Vocht, C.Ss.R., junto com os bispos Mycola Carneckyj e Mykyta Budka e o padre studita Klymentij Septyckj, vigários gerais de toda a Igreja Greco-Católica Ucraniana. Depois de sua prisão, em 1947, o metropolitano escreveu do campo de concentração de Pecora uma carta ao padre De Vocht, na qual, preocupado com a sorte da Igreja, aconselha-o, caso fosse preciso, transferir as competências de vigário geral a quem julgasse oportuno. Assim, imediatamente antes de sua partida definitiva da Ucrânia, o padre De Vocht confia a função de pastor clandestino da Igreja Greco-Católica ao padre Ivan, não só um de seus mais antigos amigos e confrades, mas também uma pessoa que conhecia muito bem e em quem depositava total confiança. A partir deste momento a polícia secreta começou a vigiar todos os passos do Beato.

A prisão do Beato Ivan

Como conseqüência, no dia 5 de janeiro de 1950 chegou-se à decisão de prender também o padre Ivan. Depois de

15 dias, um certo camarada comunista, Mamushev, recebeu do Ministério de Negócios Internos uma ordem precisa: prender o cidadão soviético Ivan Ziatyk, morador do convento em Univ, distrito de Peremyshljany, na região de Lviv, depois de ter feito uma séria e detalhada busca de todos os seus haveres. Esta ordem foi rigorosamente executada: aos olhos dos agentes do serviço secreto não escapou nada, nem mesmo a mínima coisa que podia estar jogada no canto do quarto mais ignorado da casa religiosa. Presos, os padres Ivan e Rdkka, também redentorista, foram levados a um destino desconhecido pelos outros que foram libertados após algumas semanas *sob a condição de “se esquecerem das obrigações religiosas e de não retornarem às práticas religiosas do culto cristão católico”*.

O material das provas que comprometiam a atividade e a pessoa do beato diante do tribunal do Estado Soviético pode ser sintetizado nos seguintes pontos:

- *Sendo, o acusado, uma pessoa de aspiração decisivamente anti-soviética, entrava regularmente em contato, através de correspondência, com pessoas presas anteriormente por atividades anti-soviéticas contra o Estado; dentre elas o bispo J. Slipyj e Gh. Lakota, os padres Sternjuk, Ljatyshesvs'kyj, Prokopiv e outros. O cidadão Ivan informava-os sobre o estado atual da Igreja Greco-Católica no território da Ucrânia Ocidental e os sustentava materialmente.*

- *Além disso, no convento onde o acusado fazia as vezes de superior, foi encontrada numerosa literatura de caráter claramente anti-soviético.*

Depois de muitos interrogatórios na fase instrutora do processo penal, padre Ivan recebeu a sentença, no dia 4 de fevereiro de 1950. No Protocolo da sessão se lê: *“Ivan Ziatyk é de fato membro da Congregação dos Redentoristas desde 1936; ele difunde por toda parte as idéias do Papa de Roma sobre o anúncio da Revelação católica para todos os povos do mundo e sobre a unidade do mundo católico. De*

acordo com os artigos 126 e 127 da legislação processual da República Soviética Socialista Ucraniana, chegou-se à decisão, segundo a qual o cidadão Ivan Ziatyk deva ser considerado responsável pelos crimes de acordo com o artigo nº 54-10, parágrafo 2 do Código Penal da República Soviética Socialista Ucraniana”.

Apesar desta sentença a fase de instrução não foi encerrada. A KGB continuava a buscar toda informação possível sobre a Igreja Greco-Católica Ucraniana e sobre seus chefes que, depois de 1946 foram obrigados a realizar suas atividades na clandestinidade. Neste mesmo ano houve um conciliábulo não canônico, porque composto apenas de sacerdotes e mesmo assim nem todos presentes, para não dizer também que todos os presentes foram obrigados a se decidirem pela “união” com a igreja-mãe de Moscou. Na esperança de saber da atividade clandestina da hierarquia católica ucraniana, os agentes da KGB torturavam sem piedade e cruelmente o Beato. De 25 de janeiro a 30 de junho de 1950 foram cerca de 30 sessões especiais de tribunal, na maior parte as assim chamadas sessões noturnas, com um mínimo de seis horas de duração que se iniciavam às 10 ou 11 da noite.

O irmão Vasyl’ Stets’, por diversas vezes chamado pelos agentes da KGB à prisão de Zolochiv, para testemunhar sobre o “caso Ziatyk”, conta: *“Eles espancavam-no e o torturavam muitíssimo”.*

Também o metropolitano Josyf Slipyj, que teve que testemunhar no processo do padre Ivan, escreve em suas *“Memórias”*: *“Antes de tudo eles estavam interessados em saber se eu nomeara o padre Ivan como administrador da Igreja, porque ele, durante a fase de instrução do processo, quando foi espancado e bestialmente torturado, não negou o fato. Na verdade, porém, eu confiei o cargo de administrador nas mãos do padre De Vocht, vice-provincial dos redentoristas, de origem belga. Ao assumir, teve medo e entregou o documento de nomeação ao vizinho da casa e aquele pobre homem,*

tomado igualmente de medo, jogou-o no fogo. Quando ele (padre de Vocht) estava para retornar à Bélgica, confiou tudo ao padre Ivan, pensando que este, sendo uma pessoa santa (muito calma e terna), estivesse fora de suspeita...

Com base em interrogatórios e relatos de outros imputados o tribunal expediu, no dia 20 de junho de 1950, uma nova condenação penal, segundo a qual:

- *“O acusado, Ziatyk Ivan, é culpado de manter contato com o vigário capitular ilegal da Igreja Greco-Católica em Lviv, cidadão Khnelevs’kyj, com quem se encontrou diversas vezes, discutindo a questão do retorno à União dos padres que renunciaram à fé católica e passaram para a jurisdição do Patriarcado de Moscou;*

- *porque no início de 1949 estabeleceu uma correspondência com os condenados por atividades anti-soviéticas, o metropolita J. Slipyj, o bispo Mycola Carneckyj e o sacerdote Volodymir Sternjuk, informando-lhes a respeito da situação da Igreja Greco-Católica na Ucrânia Ocidental...*

- *porque no mês de julho do mesmo ano, tendo por alto objetivo consolidar a Igreja Greco-Católica, confiou ao padre Khmelevs’kyj a missão de erigir, formar e presidir o tribunal eclesiástico, coisa severamente proibida pela legislação soviética;*

- *conserva, quanto ao conteúdo, numerosa literatura anti-soviética e escondia também, em lugar secreto, cartas de uniatas condenados.*

De acordo com os artigos 126 e 127 da legislação da República Soviética Socialista Ucrâniana, chegou-se à decisão, segundo a qual o cidadão Zyatyk deve considerar-se culpado dos crimes constantes no artigo n. 54-10, parágrafo 2 do Código Penal da República Soviética Socialista Ucrâniana”.

A prisão no cárcere de Zolochiv e Lviv durou quase dois anos. De 4 de junho de 1950 a 16 de agosto de 1951 o padre Ivan sofreu 38 interrogatórios que, somados aos precedentes, dão um total de 72 aos quais foi submetido durante todo o

tempo em que esteve “à disposição” dos órgãos da “humana justiça soviética”.

Não obstante esta intensa e extenuante fase de instrução, onde o juiz, para “fazer o paciente falar”, o achincalhava com injúrias e recorria freqüentemente à tortura física, padre Ivan jamais cedeu à força bruta e desumana, traíndo a Igreja ou renunciando à fé católica.

O beato foi tão firme a ponto de não dar ouvidos nem mesmo às súplicas de seus familiares que convidavam-no a ceder. A este respeito testemunha o senhor Jaroslav JurchaK: “... um dia, alguns homens da KGB chegaram até a casa do tio Stepan, irmão mais velho de minha mãe que morava em Zolochiv. Pediram que deixassem tudo e fossem com eles. Nesta época eu estava em sua casa. Depois de terem notado minha presença, um deles perguntou-lhe sobre mim. O tio respondeu que era filho de sua irmã. ‘Então deve vir conosco também’. — insistiram eles. Depois acrescentaram, dirigindo-se a mim: ‘Você deve falar com ele (o padre Ivan), pedindo que ele assine a passagem para a ortodoxia e que revele onde está o que nos interessa’. Assim fomos. Quando o trouxeram até nós era-nos difícil reconhecer nele o padre Ivan de outrora. As marcas que trazia pelo corpo não deixavam dúvida alguma sobre o tratamento a que era submetido. Via-se claramente que tinha sido espancado em todo seu corpo inúmeras vezes. Parecia completamente destruído fisicamente. Todos nós e até eu pedimos: ‘Tio, por que não quer assinar aquele documento?’ Mycola também dizia: ‘O que está fazendo? Assine e depois faça o que quiser e eles deixam você ir agora mesmo!’ Ele, porém, respondeu: ‘Não! Não posso me permitir fazer isto!’ Então um dos agentes da KGB advertiu o padre Ivan, ameaçando a nós todos: ‘Você deve assinar, senão mataremos todos estes seus familiares’. O tio, porém, permaneceu impassível e com voz tranqüila disse: ‘Se esta for a vontade de Deus...’”

Muitas vezes durante a fase de instrução os juízes punham-lhe perguntas de caráter provocante para interpelá-lo e

culpá-lo de colaboração com os partidários da OUN (Organização Ucraniana dos Nacionalistas), na época muito ativa na luta pela liberdade da nação ucraniana e por isso severamente perseguida pelo Estado. Se o padre caísse na rede, os juízes poderiam facilmente acusá-lo de banditismo. O padre Ivan, no entanto, portou-se com muita prudência, não concedendo aos comunistas esperança alguma de apanhá-lo em seu intento.

A prisão na Sibéria

No dia 20 de abril de 1951 deu-se o veredicto final que soa assim: *“O prisioneiro Ziatyk Ivan Stepan, no momento encarcerado sob vigilância na prisão interna da Procuradoria Regional de Lviv, deve ser transferido para a prisão interna da KGB da República Soviética Socialista Ucraniana, em Kyjiv, acompanhado de uma escolta especial e em completo isolamento de outros detidos”*. O Beato chegou a Kyjiv em final de abril de 1961 e, ainda por cinco meses, permaneceu na prisão interna da KGB ucraniana em Kyjiv, onde veio a ser submetido a novos interrogatórios noturnos.

O veredicto final do tribunal de Kyjiv confirmou as sentenças proferidas pelos outros tribunais e, no dia 21 de novembro de 1951, foi condenado pelo *“Conselho Especial junto à KGB da URSS”* a dez anos de detenção nos campos de trabalhos forçados, de acordo com os artigos 20-54-1 “a”, 54-10, parágrafo 2 do Código Penal da República Soviética Socialista Ucraniana. O motivo da sentença: tinha dado seu apoio a membros de uma organização anti-soviética nacionalista e fora propagador e um agitador contra o Estado Soviético. Depois de numerosas e terríveis torturas (cerca de 22 meses) só recebeu a visita de médicos do cárcere no dia 22 de agosto de 1951 que confirmaram o diagnóstico de *“miocardite, anemia”*. Apoiados neste diagnóstico declararam-no *“capacitado para o*

trabalho físico”.

Estabeleceram, no entanto, que ele devia ser transferido para uma colônia de correção e de trabalho, onde descontaria a detenção (10 anos) a começar pelo dia 25 de janeiro de 1950. Assim o Beato foi transportado para o campo de concentração da Sibéria, chamado normalmente de Ozerlag (campos dos lagos: porque vizinho aos grandes e bem conhecidos lagos da Sibéria) e recluso no campo n. 7 da KGB, na cidade de Brats’k na região de Irkuts’k.

A morte do Beato

O padre Ivan resistiu apenas três meses e meio a “*fazer penitência*” pelos “*pecados*” cometidos contra o poder soviético no campo de concentração. Durante sua permanência no Ozerlag irkutino a escolta e os guardas bolchevistas torturaram-no sem piedade. Segundo relatos de alguns de seus amigos do campo, espancavam-no muito e com freqüência. Na sexta-feira santa de 1952 o padre Ivan foi cruelmente espancado, e por causa deste tratamento claramente desumano e bestial, fechou os olhos para sempre.

Os testemunhos sobre o acontecimento final de seu martírio são bem mais esclarecedores: Relata o senhor Jaroslav Jurchak: “*No distrito de Ghustyn há um povoado, Lychkivtsi, onde era pároco o padre Duplavs’kyj, já falecido. O Servo de Deus estava preso junto com meu tio, na mesma prisão. Contou-me que na sexta-feira santa, padre Ivan, depois de receber um banho de abundante água gelada, foi espancado no pátio. Depois banharam-no de novo. Ele, porém, já estava sem sentidos e exposto ao frio*”.

A senhora Maria Vasył’tsiv, hoje moradora de Brody, assim testemunha: “*Com o padre Ivan, na prisão da Sibéria, havia outros dois sacerdotes de Zolochiv. Quando retornaram do exílio pudemos obter deles algumas informações sobre o padre Ivan. Conforme suas palavras, padre Ivan era um homem autêntico e profundamente religioso: quase todo o tempo estava num canto a rezar silenciosamente. Deles ainda soubemos que o Servo de Deus, na sexta-feira santa, enquanto*
98
levava o recipiente das fezes (o recipiente higiênico dos aposentos das prisões soviéticas. Conforme o costume os detentos deviam esvaziá-los,

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	3
---------------------------	----------

BEATO BASÍLIO (VASYL VELYCHOVSKYJ) (1903-1973)

Bispo redentorista da Igreja Greco-Católica “clandestina” da

Ucrânia 5

Jovem combatente pela pátria 5

Sacerdote 7

Missionário fervoroso 7

Sob o fogo da artilharia do Exército Russo 9

Apostolado perigoso 11

Condições desumanas 12

Condenação comutada 13

Por Igreja, uma tampa de metal 15

Retorno a Lviv 16

Nova detenção 18

No exterior, para “repouso” 19

BEATO ZENÃO (Zynovij Kovalyk) (1903-1941)

sacerdote redentorista - 22

Unido ao sacrifício de Cristo 22

Entre os Ortodoxos 23

Administrador e Confessor 24

Diante da invasão 25

Apostolado na prisão 28

Um sacerdote crucificado 29

A lembrança de uma testemunha 30

Relendo os documentos 33

BEATO NICOLAU(MYKOLA CARNECKYJ) (1884-1959)

<i>Bispo Exarca apostólico de Volyn' e Pidljashja</i>	34
Infância e Juventude	34
Sacerdote de Cristo	35
Redentorista para os mais abandonados	37
A primeira guerra mundial	38
Bispo e Visitador Apostólico	40
O começo da perseguição	42
Preso pelos soviéticos	44
O processo injusto e a condenação a trabalhos forçados	45
O detento consolador	46
Um libertado moribundo e reenviado a Lviv	50
A última doença e a morte dolorosa	52
Fama de santidade e de martírio	55

BEATO METÓDIO DOMINIK TRCKA (1886-1959)

<i>Sacerdote da Congregação do Santíssimo Redentor</i>	58
A vida do Beato	58
Chamado a trabalhar pela unidade da Igreja .	58
Apostolado em Svata Hora	59
Missionário entre os greco-católicos	61
De Stanislavov para Stropkov	62
Um intenso trabalho missionário	64
Construção em Michalovce	65
Paixão por iniciativas	65
Contrastes com o estado eslovaco	66
Vice-provincial dos greco-católicos	67
A situação precipita-se	68
No convento-cárcere	70
Tratamento especial	71
Uma condenação preestabelecida	73
Vida dura no cárcere	75
A crueldade de alguns guardas	77

Condenado porque cantava	78
Os despojos em Michalovce	82

BEATO IVAN ZIATYK (1899-1952)

Sacerdote da Congregação do Santíssimo Redentore Vigário Geral da Igreja

<i>Greco-Católica na Ucrânia</i>	85
A Vida do Beato	85
Missionário Redentorista	88
A perseguição soviética	90
Vice-Provincial e Vigário Geral	91
A prisão do Beato Ivan	92
A prisão na Sibéria	96
A morte do Beato	97

